

Recomeços
Mulheres sírias na Grande Florianópolis

Carol Gómez

Título: Recomeços - Mulheres sírias na Grande Florianópolis

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE JORNALISMO -
2019.1

TEXTO E EDIÇÃO

Carol Gómez

ORIENTADOR

Samuel Pantoja Lima

CAPA, PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES

Otávio Francisco de Oliveira

REVISÃO

Cíntia Uller Gómez

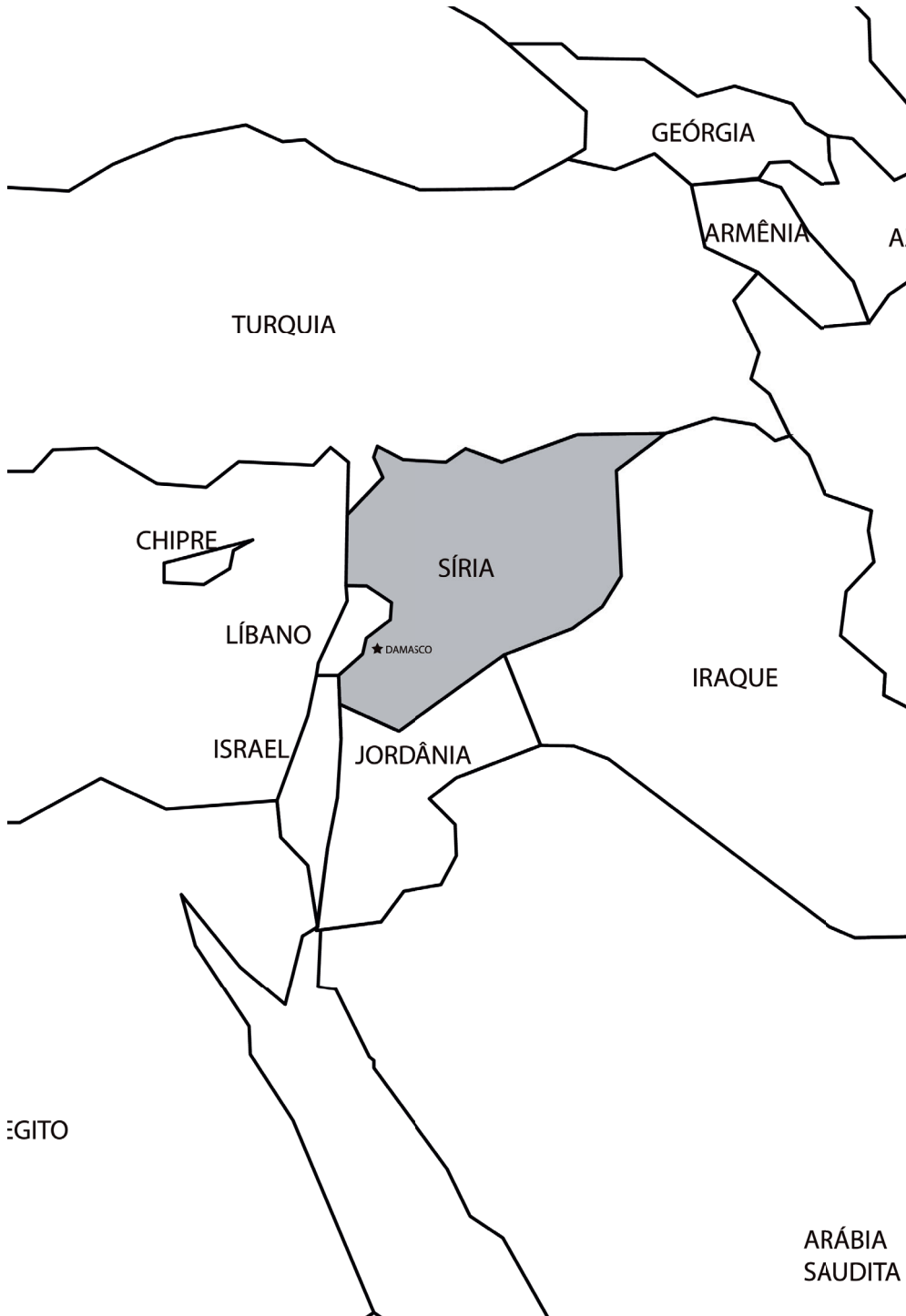
3

RECOMEÇOS - mulheres sírias na Grande Florianópolis/ Carol
Gómez; Orientador, Samuel Pantoja Lima Florianópolis, SC, 2019,
96p.

A todas as mulheres que demonstram força e esperança ao recomeçar a vida em um novo país, em especial à Heba, Ghofran, Mariam, Rania e Mirna.

Sumário

| | |
|--|----|
| <i>Prefácio</i> | 13 |
| I - Vida em uma Síria sem guerra | 19 |
| II - Quando tudo começou a mudar | 33 |
| III - A esperança a 11mil quilômetros | 47 |
| IV - Vida em transição em uma nova cultura | 57 |
| V - Um olhar para o futuro | 73 |
| <i>Epílogo</i> | 87 |
| <i>Agradecimentos</i> | 93 |



Resiliência: Capacidade de o indivíduo lidar com problemas, adaptar-se a mudanças, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas.

15 de março de 2011.

Cidade de Daara, 100 quilômetros de Damasco, capital da Síria.

Um grupo de jovens resolve pichar palavras antigoverno em um muro e logo em seguida são presos e torturados durante semanas. Familiares e centenas de moradores da cidade se reuniram então exigindo a libertação dos garotos e foram duramente reprimidos pelas forças de segurança do governo, que abriam fogo contra a população.

Fagulha que acendeu um incêndio alimentado por décadas de disputas políticas e religiosas, a forte e violenta repressão dos protestos logo gerou uma insurreição contra o regime do presidente Bashar al-Assad, que faz parte de uma família que está há 50 anos no poder. Paralelamente, o Oriente Médio passava pela chamada Primavera Árabe, movimento iniciado em dezembro de 2010 e que resultou na queda governos ditatoriais na Tunísia, Líbia, Egito e Iêmen. Al-Assad temia ter o mesmo fim.

Como oposição ao governo, surgiu o Exército Livre da Síria (ELS). O grupo, atualmente enfraquecido e dividido em subgrupos, é formado por guerrilheiros que antes da guerra civil não desempenhavam, em sua grande maioria, papel militar algum. Eram empresários, estudantes, comerciantes, carpinteiros, pessoas comuns e diferentes que se uniram por um propósito.

Com o passar do tempo, o conflito se tornou cada vez mais complexo, tendo o envolvimento de extremistas islâmicos e a intervenção de potências regionais e internacionais.

Paralelo ao movimento pelo fim da ditadura de Bashar al-Assad, o Estado Islâmico (EI), grupo extremista e braço da organização Al-Qaeda, foi se fortalecendo. Com o objetivo

de tomar o controle do Oriente Médio e outros territórios, a organização afirma ser a autoridade religiosa sobre todos os muçulmanos. Em março de 2019, jornais do mundo todo divulgaram que o grupo perdeu o domínio do último território na Síria. Porém, ataques seguem sendo realizados por parte do EI.

Envolvida no conflito também está a Rússia, que apoia o governo Bashar al-Assad e trata-se do principal fornecedor de armas para o Exército Sírio. Na outra ponta do cabo de guerra estão os Estados Unidos que apoiam grupos insurgentes moderados, sendo contrário ao atual governo e à Rússia. Também participam países como Irã, que apoia Assad, e a Turquia e a Arábia Saudita, com posicionamentos contrários.

No fim, não importa se entre forças do governo ou rebeldes, insurgentes ou países externos, o conflito já atingiu milhões de civis direta e indiretamente.

14

A Síria está localizada no sudoeste asiático, na região também conhecida como Oriente Médio, e faz fronteira com os países o Líbano, Israel, Jordânia, Iraque e Turquia. A Guerra Civil no país gerou até o momento mais de cinco milhões de refugiados, segundo a Agência da ONU para os Refugiados (ACNUR)¹. O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados caracteriza a situação do país como a maior crise humanitária de nossa época.

Refugiado é o termo utilizado para designar uma pessoa que sai do seu país de origem por conta de “fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas”, em situações nas quais “não possa ou não queira regressar”, de acordo com o Estatuto dos Refugiados de 1951.

Para solicitar refúgio, a pessoa precisa estar na fronteira ou em território nacional, não sendo possível, então,

¹ Agência da ONU para os Refugiados: <<http://www.acnur.org/portugues/siria/>>

fazer o trâmite ainda no país de origem. É o que leva muitos sírios a arriscarem suas vidas cruzando o mar em busca de um recomeço em países europeus.

Desde 2013, os sírios têm a vinda facilitada para o Brasil por conta do visto humanitário. Esse tipo de visto possibilita que os cidadãos se desloquem com maior facilidade e segurança e é fornecido nas embaixadas brasileiras localizadas nos países vizinhos à Síria. O Líbano é um exemplo de rota para sírios que buscam emigrar por sempre ter mantido a fronteira aberta e também por conta da proximidade, já que pela Jordânia, por exemplo, eles enfrentariam o longo Deserto Sírio.

Ao desembarcarem no Brasil, os estrangeiros com visto humanitário devem apresentar pedido formal de refúgio à Polícia Federal, que será enviado, analisado e aprovado (ou não) pelo Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE). Caso aprovado, o refugiado recebe um protocolo, que o permite trabalhar de forma legal, assim como a beneficiar-se dos serviços públicos de saúde e de educação. Só após receber esse protocolo é que os refugiados também podem solicitar o Registro Nacional de Migratório (RNM), documento de identidade dos estrangeiros no Brasil, uma Carteira de Trabalho e Previdência Social definitiva (CTPS), um número de Cadastro de Pessoa Física (CPF) e um documento de viagem.

Apesar disso tudo, o Brasil não oferece aos refugiados auxílios como concessão de passagens aéreas, moradia, ajuda financeira, ensino do português, treinamento profissional ou inserção no mercado de trabalho. Auxílios do tipo existem, por exemplo, nas leis de refúgio da União Europeia, que prevêm a garantia de um processo justo para os solicitantes de refúgio, além de padrões humanitários e sociais mínimos para sua manutenção e acomodação. Como cada país-membro se adapta a essas leis de maneira diferente, então, os auxílios existem, mas variam.

Vale ressaltar que os solicitantes de refúgio ou refugiados reconhecidos pelo Brasil podem visitar seu país natal mediante a autorização do CONARE. A mesma regra também se estende a viagens para qualquer destino com duração maior a 12 meses e com a utilização do passaporte do país de origem como documento.

O Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros contabilizava, até 2017, 156 sírios com endereço em Santa Catarina, sendo 109 registrados pela Superintendência da Polícia Federal (SR/PF/SC) em Florianópolis. Informações também disponibilizadas pela SR/PF/SC indicam ainda que desde 2013, 65 sírios formalizaram permanência por meio de filho brasileiro, Casamento, União Estável ou Reunião Familiar.

16

O meu interesse pelas histórias e conflitos no país cresceu ao conhecer o sírio Kais Altabah, enquanto elaborava uma reportagem para uma disciplina do curso de Jornalismo. Durante a apuração, soube da existência do Círculos de Hospitalidade, entidade não governamental que trabalha especificamente com mulheres e crianças imigrantes e refugiadas em Florianópolis. Acostumada a ver a guerra na Síria narrada por homens, por jornais distantes, ainda não havia escutado como as mulheres se sentiam, como tem sido essa mudança de país para elas e foi aí que decidi o que gostaria de relatar em meu trabalho de conclusão de curso.

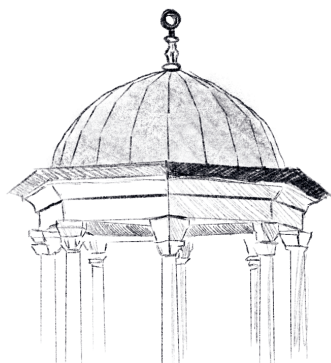
As histórias registradas aqui pertencem a cinco mulheres sírias. Cada uma esteve em contato com a guerra de maneira diferente, porém sentiram reflexos do conflito em suas vidas e hoje vivem no Brasil. Algumas vieram com a família, outras para casar, mas todas para se afastar de uma guerra que deixou mais de dois milhões de cidadãos mortos ou feridos.

Para garantir a segurança de cada uma das mulheres, e também de suas famílias, alguns dos nomes apresentados neste livrorreportagem são fictícios. Também é importante ressaltar que, apesar de ser um trabalho jornalístico, nem todas as informações foram checadas. Isso em razão de que seria extremamente complicado confirmar cada fato da vida dessas entrevistadas por conta da distância e por serem fatos da vida privada de cada uma.

A proposta de “Recomeços: mulheres sírias na Grande Florianópolis” é contar as histórias particulares dessas mulheres, envolvendo suas emoções e percepções de mundo. É fazer com que outras pessoas possam conhecer um pouco sobre os desafios que elas enfrentaram; não só por serem sírias, mas também mulheres. Recomeços é também sobre os sonhos, os contrastes culturais, a resiliência humana, as semelhanças e as diferenças. É sobre coisas que talvez possam parecer singelas, mas que dão significado ao cotidiano e, portanto, à vida dessas mulheres, para além do tão noticiado conflito civil. Este livro quer mostrar, sobretudo, as várias maneiras que elas encontraram, e ainda encontram, para seguir em frente.

Boa leitura!

Carol Gómez



Capítulo

Um

Vida em uma Síria sem guerra

Heba

Era verão na Síria e para Heba isso queria dizer que era época de ir visitar a cidade de Lataquia, no Oeste do país. No banco traseiro do carro, a menina conversava com as irmãs, observando a paisagem pela janela, com um olhar ansioso no rosto. Já vestida com a roupa de banho e uma boia no colo, a pequena Heba desejava que as quatro horas de viagem passassem voando.

Mesmo acostumada a nadar na piscina do sítio da família, Heba mal podia esperar para chegar ao mar. Os prédios no centro da cidade, as verdes palmeiras e o mar azul deixavam a menina muito alegre, mas o lugar em si não era o único responsável pela animação dela.

Era durante as férias de verão que a família conseguia passar mais tempo reunida. Ao longo do ano, o pai de Heba gerenciava a própria empresa de bombas de gasolina, em Douma, cidade natal da garota. Nas férias, então, eles se juntavam com uma outra família de amigos, com filhos de idades próximas, e alugavam uma casa perto da praia para aproveitar o calor úmido de quase 40 graus.

— Ir para Lataquia foi algo muito especial para mim, não sei porque... claro, era diferente ir no mar, mas também talvez porque meu pai nessas horas ficava conosco o tempo todo.

Lataquia é uma das cidades litorâneas da Síria, localizada a 229,2 quilômetros - em linha reta - de Damasco. Detentora do principal porto do país, de lá eram exportados itens como betume e asfalto, cereais, algodão, frutas, ovos, óleo vegetal, cerâmica e tabaco. Durante a guerra civil, a região perdeu um pouco a exportação, que foi retomada apenas em 2016.

— Lá tinha gente com biquíni, de roupa. Com roupas que escondem mais ou menos. O que é certo, falando das roupas de banho, é relativo. Lá tinha muita diversidade.

Penúltima filha entre sete irmãos, Heba nasceu e viveu grande parte da sua vida na cidade de Douma, nos arredores de Damasco.

Quando pequena, sua atividade favorita era cantar e ela sempre se candidatava para se apresentar nos shows de talentos da escola. Além disso, ela também gostava de andar de patins, pular corda e brincar de médica. Junto com as primas, ela dormia uma vez por semana na casa da avó e cada uma pedia um “lanche americano”. Das lembranças da infância também ficaram as brincadeiras de Yasser, um dos irmãos mais velhos. Com carinho, ela relembra das vezes em que ele usava as tranças dela para fingir serem rédeas e ela, um cavalinho.

Embora as amigas não vivessem tão próximo dela, conseguiam se encontrar - e aprontar - todo dia. Em meio à risadas, ela conta sobre um dos passatempos favoritos na companhia das amigas: bater nas portas das casas e sair correndo.

Quando criança, Heba gostava de vestir-se igual à mãe e calçava sapatos de salto alto, passava maquiagem e vestia um *hijab*. Na infância, o uso do véu não é obrigatório para as meninas. Para as muçulmanas sunitas o uso do *hijab* se torna uma exigência após a primeira menstruação. Já para as xiitas, é a partir dos nove anos, idade que marca o início da puberdade.

A ideia por trás do véu, que cobre os cabelos, pescoço e parte do peito, é, de acordo com o Islã, para as mulheres “vestirem-se com modéstia e não deixarem à mostra as extremidades para nenhum homem além de seu marido, pai ou familiar mais próximo e crianças pequenas” com o objetivo de “proteger a mulher, além de simbolizar que ela é destinada a apenas um homem, e está fora do alcance de todos os demais”.

O *hijab* é diferente, por exemplo, do *niqab*, que deixa apenas os olhos à mostra e é mais comum na cor preta. Além dele, há outras vestimentas utilizadas por mulheres muçulmanas, que variam de acordo com a cultura e região de origem. São elas: a *burka*, o *xador*, a *al-Amira* e a *shayla*.

O uso de trajas islâmicos que cobrem o corpo da mulher é discutido mundialmente. Há quem diga que eles são símbolo de machismo e opressão, há quem diga que é uma escolha e que isso por si só já representa a liberdade da mulher muçulmana. Em meio ao debate, o *hijab* - e as mulheres muçulmanas que o usam, por consequência - acaba sendo o primeiro alvo de ódio e até de proibições. Por outro lado, em países onde o seu uso, ou de outra vestimenta com o mesmo fim, é obrigatório, mulheres que não querem vesti-lo também são alvo de ataques.

Na Síria, o uso do *hijab* não é colocado como uma exigência para as cidadãs; é uma questão cultural e religiosa, sendo tratado de maneira diferente em cada família. Nas ruas é possível encontrar mulheres cristãs e muçulmanas que usam ou não o véu.

Heba vê o *hijab* como uma escolha pessoal de cada mulher e considera que, na Síria, esta escolha é respeitada grande parte das vezes. Ao longo de sua vida, a jovem conviveu diariamente com amigas muçulmanas que optaram por não usar o véu.

— Tem gente que nem sabe qual a religião do vizinho. Se ele não usa roupas específicas, você não reconhece. E não faz sentido sair perguntando para as pessoas qual a sua religião, né? Não faz diferença, é ser humano igual.

Foi na adolescência de Heba que a sua forma de ver o mundo mudou. Interessada por filosofia e por ouvir diferentes pontos de vista, ela decidiu que gostaria de estudar em uma escola mista, onde meninos e meninas dividem a sala de

aula, o que não era muito comum na região em que vivia. A resistência maior veio por parte da família materna, que tentou dissuadi-la da ideia sob a justificativa que seria possível encontrar escolas tão boas quanto aquela, porém apenas para mulheres.

Pra mim foi bem tranquilo, para o meu pai também. Eu tinha amigos meninos e foi normal pra mim. Sempre vai ser um pouco difícil no começo, depois as pessoas se acostumam.

Durante essa fase a jovem também começou a praticar o inglês e o francês que aprendia na escola pela internet, conversando com estrangeiros. Ao entrar em contato com pessoas de outros lugares no mundo, ela ficou surpresa ao perceber que o machismo não era exclusividade dos países árabes.

— Vi que existe machistas no mundo todo. Eu imaginava que lá fora não tinha isso, sabe? Que era um paraíso. E eu fiquei pensando em como talvez a mulher não vá ter os mesmos direitos, o mesmo acesso...

23

Os pensamentos eram direcionados às mulheres de maneira geral, e não em seu contexto específico. Na família, Heba, que se considera feminista, sempre teve acesso à educação e direito à opinião. Quando tinha cerca de 10 anos, o pai a ensinou algumas coisas sobre dirigir e mais tarde tirou a carteira de motorista. Aos 19 anos conheceu o sírio Abdo, por quem se apaixonou e com quem casou-se dois anos depois.

— Meus pais nunca me falaram “não”, mesmo que tivessem outra opinião. Agora, minha melhor amiga é a minha mãe, apesar de pensar diferente.

A menos agitada dentre as cinco filhas da família, Heba teve a adolescência marcada pelo fenômeno mundial Harry Potter e também pelo tempo que passava com as

amigas e amigos. Cinema, restaurantes, compras e passeios pela cidade eram atividades rotineiras. Ela também gostava de livros, de preparar um cobertor ou algo aconchegante para ficar lendo e imaginando as histórias.

Em 2016, Heba entrou para o curso de medicina da Universidade de Damasco e se mudou para a Capital. Era um sonho virando realidade. Mais ou menos dois meses depois, ela precisou tomar uma das decisões mais importantes da sua vida: continuar na faculdade na Síria ou viajar para o Brasil. Aos 23 anos, Heba já vive há dois anos em terras brasileiras.

Rania e Mirna

24

Os dias de Rania e sua filha Mirna começavam cedo na época do Ramadã. O nono mês do calendário islâmico é celebrado intensamente e conhecido no mundo todo por ser o período no qual os muçulmanos fazem jejum. No entanto, ele é muito mais do que isso. É principalmente no Ramadã que as pessoas fortalecem a sua fé e se aproximam umas das outras durante um mês de socialização e coletividade.

A rotina das famílias é completamente alterada durante esse período que termina com a festa do *Eid al-Fitr*, a celebração do fim do jejum. Mirna lembra que na Síria o seu jejum diário durava cerca de 16 horas. A primeira refeição do dia era feita antes da alvorada e ela ficava sem comer ou beber até o sol se pôr. O mês sagrado coincidia com as férias de verão da menina, o que facilitava para ela, já que não precisava estudar enquanto jejuava.

Após o crepúsculo, Rania, Mirna e a família se encontravam com amigos e outros familiares para quebrar o longo jejum, compartilhando muito mais do que apenas a refeição. Após comer, todos se reuniam para aproveitar as sobremesas e doces e assistir as *mosalsalat*, novelas árabes. A maioria dessas

produções têm 30 episódios, um para cada noite do mês sagrado, e contam histórias épicas religiosas, de amor proibido ou dramas familiares, estilo semelhante às novelas latino-americanas. No mundo árabe, a Síria é um dos países que mais produz esse tipo de conteúdo que, embora tenha inspirações históricas, muitas vezes acabam alterando aspectos que Mirna considera importantes.

— Por exemplo, essa novela mostrava as mulheres usando burca em Damasco, mas nem era assim. E também, mesmo coberta, aparecia o cabelo das personagens, o que não faz sentido.

Apesar dos detalhes imprecisos, Mirna não deixa de assistir as novelas e tem entre as suas favoritas uma que se passa em uma Síria antiga, cerca de 300 anos atrás, na qual as mulheres usavam quase todo o corpo coberto. No celular, ela procura as fotos e explica quais são os seus personagens favoritos e que a história se passa em uma vila.

25

— Às vezes, a mesma novela tem mais de uma temporada. E eu assisto desde pequenininha. Esse aqui é o mais medroso, ele é engraçado. - explica a menina.

Sendo também o mês da solidariedade, durante o Ramadã muitas vezes famílias e empresários doam quantias em dinheiro para que as mesquitas possam preparar refeições coletivas e gratuitas para a comunidade, como acontece na Grande Mesquita de Damasco. Essa mesquita, além de lugar sagrado e uma das mais antigas do mundo, é um dos pontos turísticos do país e Mirna a frequentava regularmente quando vivia na capital já que a família adorava fazer passeios nas horas vagas. Encontrar-se com o resto da família e comer comidas e doces árabes que o esposo e pai, Samer, adorava cozinhar também faziam parte do lazer de Rania e Mirna.

Grande parte do tempo que viveram na Síria foi em casas compartilhadas com outros familiares. O casamento de Rania e o chá de bebê da pequena Mirna também são momentos que marcaram a vida da família. Já quando o assunto são situações inusitadas, a lembrança que vem à mente é a da vez em que a irmã de Rania, estudante de química na época, fez um detergente como trabalho da universidade e, para não desperdiçar os ingredientes, a família precisou usá-lo durante muito tempo.

— Chegou uma hora que a minha mãe já não aguentava mais o cheiro — recorda Mirna, rindo.

Na Síria, Rania era cabeleireira e, inclusive, abriu em sua casa um instituto de ensino para cabeleireiro e maquiagem. O esposo Samer tinha uma ateliê de costura. Diferente do Brasil, na Síria é bastante comum que a costura seja um ofício tanto masculino quanto feminino.

— Lá era tudo bom, o trabalho era ótimo — relembra Rania, sorrindo com tranquilidade.

Sentada em uma cadeira de plástico branca, em meio aos tecidos e máquinas de costura do pai, Mirna olha as fotos no celular. O melhor aniversário que teve na Síria é lembrado por uma imagem do bolo em formato de vestido coberto de glacê rosa e por doces de gelatina cobertos de frutas; os anos no jardim de infância são marcados pelo boletim escolar cor de rosa, ilustrado com personagens da versão 2002 do desenho Moranguinho. As fotos ajudam a guardar na memória as lembranças da terra natal da menina que está em terras brasileiras desde 2015.

Ghofran

Uma senhora repreendia a menina de cabelos escuros. No quintal, as macieiras e videiras chamavam a atenção das crianças, que se reuniam na casa da vó e apanhavam as frutas antes do completo amadurecimento, o que irritava a senhora.

Essa é uma das lembranças mais fortes que Ghofran guarda da infância. Quando pequena, morou cerca de 10 anos no Catar, país vizinho da Arábia Saudita a cerca de dois mil quilômetros da Síria. Voltou ao país com 13 anos e viveu em Damasco, conhecida também como “cidade do jasmim”. A capital fica a cerca de 120 quilômetros do Mar Mediterrâneo, mas é separada pela cordilheira Antilíbano, que delimita a fronteira com o Líbano. Estudiosos afirmam que a cidade é habitada desde, mais ou menos, seis mil anos antes de Cristo.

Foi lá, em uma das cidades mais antigas do mundo, que Ghofran formou-se em design de moda no Instituto de Arte das Mulheres. No total, o curso durou cinco anos. Nos três primeiros anos, ela aprendeu ofícios como bordado, costura e desenho. Nos dois anos seguintes ela teve disciplinas voltadas apenas para o design de moda.

Enquanto estava de férias no verão, por vezes ela trabalhava ao lado da irmã, sua melhor amiga, em uma recreação infantil. Apaixonada por arte, adorava fazer pintura no rosto das crianças, mas também ajudava no salão de festas, enchia balões, tudo em conjunto com a irmã mais velha.

— Minha melhor amiga é a minha irmã. Fazíamos tudo juntas.

Em 2008, Ghofran casou com Louay e o casal foi viver em Al Tal, a 20 km de Damasco. O marido é palestino e

ambos se conheceram na Síria. Por conta dessa diferença de nacionalidade, o casal encontra dificuldades para viajar junto.

— Quando você quer casar com um palestino, precisa ser muito corajosa. É a mesma cultura, só que as viagens são muito difíceis. Para entrar no Líbano e Turquia ele não pode, por exemplo. Eu que sou síria, sim, e isso faz muita diferença. Quando eu viajo para o Líbano posso passar, minha filha não.

A primeira filha do casal, Joud, nasceu dois anos após o casamento e viria a ser uma das grandes mudanças que aconteceriam na vida Ghofran nos próximos anos. Agora, com um bebê pequeno, era preciso tomar mais cuidado e tinha muito serviço. Foi nesse momento que ela deixou de trabalhar fora e passou a ter dedicação exclusiva para cuidar da pequena e da casa. Um ano depois, uma nova gravidez, dessa vez era Rehab, que nasceria já durante os conflitos civis no país.

28

A família foi fundamental nos cuidados das filhas do casal e também nos momentos de dificuldade durante a guerra e, mesmo morando em outra cidade, Ghofran visitava, com frequência, a casa dos pais. Em 2019, completam três anos que os encontros de final de semana não acontecem mais. Ghofran está no Brasil.

Mariam

As ruas da capital mais antiga do mundo estavam cobertas por uma espessa camada branca. Os carros, os edifícios, o muro antigo da cidade. Como era de se esperar, Damasco tinha ganhado uma nova cor com a chegada das baixas temperaturas. Para a alegria das crianças, as aulas tinham sido canceladas por causa da tempestade de neve. Quem saía de casa, usava galochas para não se molhar.

Com estações bem definidas, na Síria os termômetros alcançam os 40°C no verão, o que contrasta com o frio do inverno. Para Mariam, o clima perfeito é quando não chove, não faz calor e há uma brisa fresca na rua, porém, ela não deixa de apreciar as belezas da cidade coberta pela neve - “no Natal é a coisa mais linda!”.

Na Síria, a jovem de 23 anos fez aulas de francês durante dois anos e tinha como principal passatempo assistir a filmes, sendo de comédia os seus favoritos. Era comum que ela passasse na locadora e levasse, às vezes, até 10 filmes para casa e assim pudesse assistir o conteúdo na íntegra. Os longa-metragens exibidos na televisão eram cortados, principalmente para não exibir cenas nas quais os personagens se beijavam.

— Eu acabava não gostando de assistir cortado. Não era muito fã de terror, mas as minhas irmãs gostavam. Daí eu era obrigada a assistir junto e ia dormir no quarto dos meus pais depois.

29

Mariam vive longe do bairro Bab Tuma, um dos mais antigos da cidade, mas era lá onde estudava em uma escola ortodoxa e saía com os amigos. Por conta da distância, os passeios aconteciam, geralmente, no final de semana, quando o pai podia levá-la de carro.

No apartamento da família moravam ela, as duas irmãs mais velhas e um irmão mais novo, além da mãe e do pai. O irmão mais velho vivia no Brasil desde os 18 anos. O pai era um corretor de imóveis bem sucedido e por conta disso Mariam estava acostumada a trocar constantemente de casa.

Em seus últimos meses no país, Mariam estava estudando para o vestibular sírio. Lá, o último ano do Ensino Médio é uma preparação para a prova que classifica quem entrará nas universidades públicas. Os alunos se preparam ao longo do ano e escolhem a graduação que querem cursar já com a

nota do exame em mãos. Muitas vezes o estudante que não alcança a nota para entrar no curso desejado acaba fazendo outro.

— Acho que é melhor assim. Às vezes a pessoa só quer fazer uma faculdade. No Brasil eu acho que é mais fácil desistir, né? Se você não tira uma nota, não tem outra opção, geralmente. - explica, comparando os sistemas de ingressos adotados na Síria e no Brasil.

No cursinho preparatório que Mariam frequentava durante as férias de verão, ela era a única adolescente que não usava o *hijab*. De família cristã, ela fazia as aulas para o vestibular em um bairro majoritariamente muçulmano.

Mariam explica que, embora, por lei, não haja proibição ou obrigação de utilizar determinados tipos de vestimentas, alguns bairros têm costumes mais conservadores e tradicionais por questões culturais e religiosas.

30

— Às vezes eu escolhia roupa de acordo no bairro que eu ia. Tinha lugares onde eu não me sentiria confortável de usar uma roupa mais aberta. Mas também era pessoal, tinha outras pessoas que estavam de *shorts* normal.

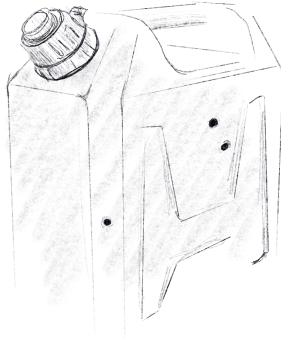
A liberdade de crença e convivência pacífica entre religiões diferentes era comum e elogiada na Síria antes da guerra, além de ser garantida por lei. Na maioria das escolas, por exemplo, crianças e adolescentes têm aulas sobre religião. Nesses momentos, os grupos são separados e cada um estuda a crença que segue.

No país, o Código Penal proíbe que se “cause tensões entre comunidades religiosas” e prevê que qualquer pessoa que difamar publicamente as práticas religiosas seja punida com até dois anos de prisão². Na Síria, a maior parte das pessoas é

²Aid to the Church in Need (ACN). Síria: relatório da liberdade religiosa - 21/11/ 2018. Acesso em: 16 jun. 2019.

muçulmana, porém antes da guerra cerca de 10% da população se considerava cristã. Embora seja um país árabe, a Síria tem grande importância para os cristãos por vários motivos. Um deles está relacionado à peregrinação do apóstolo Paulo que, de acordo com a História, converteu-se ao cristianismo a caminho de Damasco. Na capital, também há localidades que homenageiam santos católicos, como é o caso do bairro Bab Tuma (Portão de Tomás), em homenagem a São Tomé, e é lá que está o túmulo de São João Batista, localizado na mesquita *Umayyad* e visitado pelo papa João Paulo II, em abril de 2001.

— No Natal, todas as casas colocam enfeites. Muçulmanos e cristãos. É a época que você vê claramente que não existe separação de religiões - relembra Mariam , que já comemorou sete vezes o Natal no Brasil.



Capítulo

Dois

Quando tudo começou a mudar

Heba

Quando a guerra começou, Heba já tinha traçado metas para o futuro. Sabia que receberia o apoio da família e não precisaria se preocupar com dinheiro, porém os conflitos civis interromperam seus planos.

O primeiro grande impacto sentido por ela teve relação com a escola. A adolescente se dedicava aos estudos diariamente e tinha, inclusive, um quarto apenas para isso. No início dos conflitos, os professores começaram a faltar e as sete aulas diárias foram reduzidas a apenas quatro. As escolas foram sendo fechadas e a de Heba foi uma das que mais resistiram em funcionamento. Mas em poucos meses as aulas pararam de vez e o sentimento de desânimo tomou conta da adolescente.

34

— Naquele momento, a escola era a minha vida e eu não podia mais ir. Parecia que aquilo [a guerra] nunca ia acabar e eu pensava “vou perder o meu futuro”.

A situação ficava cada vez mais complicada na cidade de Douma, maior cidade da região Ghouta Oriental, e a família de Heba resolveu alugar uma casa em uma região mais afastada. Durante o mês que passaram fora, o clima era quase de férias, hospedados em uma pequena vila tranquila.

Ao retornar para Douma, a adolescente tinha bastante tempo livre e sentia a necessidade de ocupá-lo de alguma forma. Foi nesse momento que ela resolveu fazer um curso de primeiros socorros para poder auxiliar as pessoas que precisavam chegar ao hospital. Além de ajudar os feridos, ela queria estar preparada caso precisasse cuidar de alguém da família. Àquela altura até os hospitais já estavam sendo fechados e alguns médicos, então, organizavam pontos de atendimento pela cidade.

Foi quando as bombas caíram em Douma e os habitantes começaram a emigrar que Heba precisou interromper o curso de socorrista, antes de iniciar o estágio prático e o medo tornou-se companhia frequente.

Certa noite, Heba estava dormindo no quarto compartilhado com as irmãs. Deitada na cama, e foi acordada por uma claridade que entrava pela janela. Sonolenta, ela se lembra de perguntar se já havia amanhecido.

— Eu pensei “é o sol?”. Estava muito claro e aí eu vi que era um carro pegando fogo na rua.

Com o passar dos dias, o conflito tornou-se mais intenso e Heba lembra-se com clareza de quando o pai informou que eles iriam viajar novamente. Os dias que antecederam a saída da família dificilmente serão apagados na memória da adolescente que, na época, tinha 16 anos.

— As coisas estavam muito mal. Lembro que o penúltimo dia em Douma foi uma loucura.

Faltavam duas noites para que a família deixasse Douma quando um paramédico bateu na porta do apartamento de Heba. O homem, conhecido do pai da adolescente, explicou a ele que gostaria que ela os acompanhasse pois uma mulher precisava de ajuda.

Heba saiu apressada pela porta, o feixe da lanterna iluminando o caminho. Dois disparos fizeram com que ela parasse de correr no meio da noite, os pés descalços no chão empoeirado. As pessoas que a acompanhavam gritaram para que ela apagasse a luz, que denunciava a posição deles aos atiradores. Apesar do susto, a jovem obedeceu e o grupo continuou o trajeto até uma casa onde se encontrava a mulher ferida.

No cômodo iluminado, uma mulher vestindo apenas as roupas íntimas estava estendida no chão. Ao seu redor os familiares aguardavam o socorro. “Heba, você deve fazer isso. Você sabe tanto quanto eu”, disse o paramédico que minutos antes havia batido na porta de sua casa. Ele preferia que a adolescente cuidasse dos ferimentos já que ela era a única paramédica mulher que ainda estava na cidade e, pela religião, poderia ver e tocar na paciente mesmo não sendo da família.

Heba só conseguia sentir o coração pulsando forte no peito, o silêncio na sala parecia deixá-lo ainda mais alto. As lágrimas escorriam pelo rosto e os dois meses de curso de paramédicos não pareciam suficientes. Heba era o centro das atenções, os familiares de sua primeira paciente a olhavam, esperando alguma decisão. Ela então injetou a morfina na mulher desacordada e coberta de sangue.

Seguindo os ensinamentos teóricos, a jovem limpou a mulher e estava pronta para dar pontos nos ferimentos da coxa direita, quando percebeu que não seria possível. Ela não conseguia reconhecer que tipo de munição poderia ter causado aquele ferimento. Próximo ao joelho era impossível suturar devido à extensão da ferida. Heba estava nervosa e desejava fortemente que o outro paramédico estivesse ali com ela.

— Entra, pelo amor de Deus! A nossa religião não é assim! — gritou ela para o paramédico, querendo dizer que em casos de necessidade a religião não impedia o contato entre homens e mulheres. Inicialmente o homem não queria cuidar da paciente já que ela não usava roupas.

O homem entrou e juntos eles decidiram que era melhor levá-la até um posto médico. De estatura pequena, Heba se esforçou para ajudar a carregar a mulher até que outros homens da família tomassem a frente. Foi no carro, enquanto ela tentava tranquilizar a paciente, que prestou atenção pela

primeira vez no rosto da mulher e percebeu que a conhecia; ela tinha sido sua professora de matemática.

Já no posto, Heba auxiliou o médico como podia, já que tinha pouca experiência e estava assustada. Ficaram gravados para sempre os pedidos urgentes do homem que falava - “Heba, mais rápido pelo amor de Deus!”.

— Naquele momento nada importava. Você tem que ajudar as pessoas. Quando eu cheguei em casa, minha mãe perguntou como tinha sido e eu respondi que aquele ali era o meu lugar, era o que eu precisava fazer.

Heba queria continuar em Douma, auxiliando os feridos, porém o pai não permitiu. A família deixou a cidade carregando poucos pertences pois a previsão era de que ficariam fora por dois dias, o que não aconteceu. Do apartamento na cidade, mudaram-se para um sítio que pertencia à família da mãe de Heba e ficava um pouco mais afastado do foco dos conflitos.

Acostumada a morar com os pais e mais as duas irmãs que não eram casadas ainda em um apartamento amplo, no qual ela dispunha de dois quartos, a convivência com muitas pessoas foi uma mudança drástica que Heba vivenciou durante o período de guerra. De dois quartos, ela passou a ter um sofá como espaço pessoal. Dividia a casa com outras 30 pessoas, algumas delas desconhecidas.

— Era um pesadelo, não parecia real.

No abrigo, cada pessoa estava lidando com seus próprios problemas, suas próprias emoções e, por vezes, brigas surgiam por motivos aparentemente banais. A rapidez com a qual as coisas mudaram na vida de Heba a faziam querer voltar para Douma, mesmo com as bombas.

Após alguns meses morando no sítio, a família mudou-se novamente, desta vez para a casa da irmã mais velha de Heba, localizada em uma zona industrial nos arredores de Damasco. Os irmãos retornaram para Douma esperando que a situação melhorasse.

A irmã de Heba, vivia com o marido e os quatro filhos em cima da oficina onde produziam aquecedores. O apartamento era pequeno e como agora a família tinha onze integrantes, foi preciso adaptar o cômodo de descanso de funcionários como parte da casa.

— Eu vivia outra vida e era difícil aceitar as mudanças de uma vez só. Naquele momento [adolescência] você quer ter uma vida normal, como seus amigos. Eu sentia que todo mundo estava indo pra frente e eu tava parada.

38 Naquela região não existiam escolas e Heba sentia cada vez mais saudades das aulas. Com a ajuda da mãe, ela improvisou com uma tábua de madeira uma pequena escrivaninha para estudar e fez assim seu próprio santuário. Entre livros e sites, a adolescente fez viagens, aprendeu sobre outras religiões, estudou inglês e manteve-se distraída.

Apesar disso, Heba estava cada vez mais introspectiva, distante de alguns amigos e lidando com a morte de outros. Aos poucos, a guerra foi moldando também a personalidade da adolescente. Isolada e angustiada, ela perdeu peso e já não saía muito de casa.

Em seu refúgio improvisado, Heba começou a refletir sobre o mundo, sobre todas as situações vividas, procurando por uma verdade que pudesse explicar tudo que estava acontecendo. De família muçulmana, durante um tempo ela parou de fazer suas preces enquanto estudava outras religiões e buscava respostas para os seus questionamentos.

— Eu escolhi a minha religião, descobri o que eu queria. Depois de passar essa época [de guerra], você vê as coisas de uma forma diferente.

O fim da guerra não dava sinais de estar próximo e, percebendo as mudanças na filha, o pai de Heba permitiu que ela fosse viver com a tia em Damasco, onde poderia estudar para o vestibular. A adolescente tinha passado dois anos sem frequentar um colégio e ainda tinha vontade de cursar medicina.

Mais ou menos depois de um ano estudando na capital, Heba aguardava ansiosamente a data do exame quando precisou retornar com o pai para a zona industrial e não pode participar da prova, tendo que adiar mais um ano a chance de entrar para o curso de medicina.

Heba tinha voltado a viver com a família quando o telefone tocou. Era o cunhado, que estava em Douma e queria conversar com os pais da adolescente. Segundo ele, Yasser, irmão dela, estava na emergência. Ao questionar se ele estava bem e o que tinha acontecido, Heba recebeu como resposta silêncios e palavras confusas. No fundo de seu coração, ela sabia que algo estava errado. Foram precisos quatro telefonemas para que o homem do outro lado da linha conseguisse articular as palavras que lhe travavam a língua. Yasser tinha morrido. Ninguém conseguia acreditar.

No momento das ligações, a mãe de Heba estava fora de casa pois tinha ido ao mercado já que se sentia inquieta e não conseguia ficar sem fazer algo. Ao abrir a porta e se deparar com as filhas em prantos, com a intuição de mãe que grita mais alto na mente, ela indagou “Yasser morreu!” e começou a orar.

Mais tarde Heba soube que o irmão não dormira bem naquela noite. Inquieto, sem sono, ele não sabia por que não

conseguia dormir. Pela manhã, saiu para comprar o café para a esposa e os filhos. Quem estava na loja conta que ele conseguiu correr para o fundo do estabelecimento quando a bomba explodiu, mas foi atingido mesmo assim. Yasser conseguiu pedir ajuda, disse seu nome e começou a rezar.

Heba demorou para assimilar a morte do irmão com quem passara tantos momentos bonitos. Ela não chorava mais, mas sentia falta das mensagens que ele já não mandava, do contato que mesmo com a guerra eles tinham mantido e agora não existia mais.

— É difícil sabe? Ele teve uma morte boa, honrada, mas é difícil. É uma pena, mas você precisa acalmar o seu coração. Na guerra, as pessoas já se acostumaram com a morte e com as bombas.

40

Meses antes, mesmo com todas as dificuldades impostas pelo conflito, ela havia ido visitá-lo. No rosto do irmão, ela tinha encontrado um homem maduro, marcado pela responsabilidade e pelas preocupações. Na última vez que se viram, ele havia deixado de lado o irmão brincalhão que fazia piada com a menina de tranças e dado lugar ao seu lado mais amoroso. As lembranças, as brincadeiras de infância ao lado dele ainda são vivas na mente da jovem, que relembra com os momentos que passaram juntos.

Nem dez meses após a morte de Yasser, a família precisou lidar com mais duas perdas; os seus filhos, sobrinhos de Heba, também faleceram. As duas crianças dormiam ao lado da mãe quando uma bomba atingiu a sacada do apartamento. A menina, de 6 anos, e o menino de 2, morreram atingidos pelos estilhaços. Naquela noite, a mãe sonhou com o esposo Yasser, parado na varanda, no exato local que horas depois seria atingido pelo ataque. Nos meses seguintes, Heba sonhou constantemente com as duas crianças, a imagem dos sobrinhos deitados serenamente, acolhidos por finos lençóis, um

de tom rosa bebê e o outro branco, como se dormindo, com os olhos fechados e os pequenos lábios já sem o contagiante sorriso.

Enquanto conta as histórias de Yasser e dos sobrinhos, a voz de Heba é carregada de amor, mas também de naturalidade e maturidade; as mãos amassam um pequeno cartão de visitas, vincando o papel com as unhas curtas e bem lixadas. Em sua história, ela faz questão de destacar a importância que a religião teve em sua vida durante os anos de guerra. Em meio às mudanças bruscas, rotina e planos desfeitos, e uma solidão que parecia interminável, sua fé a ajudou a superar os obstáculos. Ela se perguntava o que estava acontecendo e pensava que talvez seu lugar não fosse mais na Síria. A sensação de que o conflito nunca acabaria estava sempre presente e por vezes ela pensou em sair do país.

Rania e Mirna

41

Os dedos de uma mão não bastam para contar as casas nas quais Rania e Mirna viveram na Síria.

Foi em uma casa sem terreno na cidade de Douma que Mirna e o irmão Ali nasceram. Com salas amplas, a casa ficava em uma região que a menina diz ser parecida com o bairro Carianos, em Florianópolis.

A segunda casa ficava em Harasta, cidade vizinha de Douma, e era alugada. Com bastante espaço, foi lá que Rania abriu uma pequena escola para dar cursos de maquiagem e de penteado, as coisas com as quais ela mais gostava de trabalhar.

Logo no início da guerra, meados de 2011, a família resolveu procurar um lugar mais seguro para viver prevendo que a situação poderia piorar. Mudaram-se, então, para a casa da irmã de Samer, em Damasco, onde também não ficaram por muito tempo antes de se mudarem para a casa do pai dele,

logo ao lado. Acostumado a ter um espaço apenas para ele, a casa com mais familiares impactou Ali, que acabou indo morar na casa dos avós maternos, onde foi cuidado pela tia.

Cerca de dois anos após a saída da família, a Ghouta Oriental, região agrícola na qual estão localizadas as cidades Douma e Harasta, foi sitiada pelas forças pró-regime Assad, sendo palco de disputas violentas e definida como “o inferno na terra” pelo secretário-geral das Nações Unidas. O sítio permaneceu até 2018, quando o governo retomou o controle da região após meses de intensas ofensivas e bombardeios. Durante a reconquista da região, a organização internacional Médicos Sem Fronteiras (MSF)³ divulgou o número de 4.828 feridos e 1.005 mortos entre os dias 18 de fevereiro e 3 de março, uma média de 71 mortes em média por dia.

Enquanto a Ghouta Oriental estava sitiada, a família viveu na casa do tio de Rania, também por pouco tempo. Neste período, apertava a saudade do filho mais velho, que visitavam todos os finais de semana.

42

Rania, Samer e Mirna decidiram então que também iriam morar na casa dos avós maternos da menina. Localizada no interior de Damasco, a casa dos avós maternos ficava em uma região onde viviam pessoas mais importantes e com renda mais alta e era mais segura para viver.

Lá permaneceram por cerca de um ano antes de saírem da Síria. O período é lembrado com carinho por Mirna, que o considera uma das melhores lembranças que guarda da Síria.

Antes de a guerra começar, a família costumava passear nos momentos de lazer. Quando viviam em Damasco, uma conhecida loja de *croissants* da capital era um dos lugares favoritos da família.

Apesar da guerra, Mirna e Ali continuaram frequentando a escola. A menina, que tinha quatro anos quando tudo começou, tem poucas lembranças do conflito. Lembra de saber que muitas pessoas estavam morrendo no país e,

³ MÉDICOS SEM FRONTEIRAS. Ghouta Oriental: um chocante e implacável desastre com múltiplas vítimas - 08/03/2018. Acesso em: 16 jun. 2019.

vagamente, de um incidente que ocasionou a morte de alunos e professores em sua última escola.

O país inteiro era atingido pelos conflitos armados, fosse de maneira direta, com bombas e ataques, ou no fornecimento interrompido de alimentos e energia. Rania conta que cada vez era mais difícil viver na Síria com as crianças.

— Tudo ficou muito difícil, tinha muitos problemas.

A primeira casa da família, em Douma ainda está lá, desabitada por conta de um conflito que motivou a família a migrar para o Brasil. Há quase 4 anos no Brasil do que Rania sente mais saudades? De uma Síria sem guerra.

Ghofran

43

Ghofran nunca vai esquecer o momento em que viu o galão de gasolina vazio no terraço, todo cheio de buracos feitos por balas do conflito armado. No chão gelado, o líquido havia escorrido pelos furos e desaparecido.

Era inverno na Síria, a neve caía e Ghofran enfrentava dificuldades para aquecer a casa. O apartamento, no quarto andar e com uma grande sacada, era frio e as duas crianças pequenas precisavam de calor. O aquecedor movido a gasolina era o que os salvava, porém o combustível era escasso em meio ao conflito civil.

— Nesse tempo de guerra não tinha gasolina, era muito difícil encontrar. Fazíamos uma festa quando achávamos.

Algum tempo antes, num golpe de sorte, o marido de Ghofran tinha encontrado cerca de 20 a 25 litros de gasolina para ajudar a aquecer a casa da família. Por conta do perigo,

o líquido altamente inflamável não ficava guardado dentro de casa, era armazenado no terraço do prédio.

Durante uma visita à casa dos pais em Damasco, Ghofran viu na televisão que um conflito estava acontecendo em Al Tal, cidade onde morava. Priorizando a segurança das filhas, ela e o marido resolveram adiar a volta, planejada para sexta-feira. Retornaram no domingo para o apartamento frio, que passara cerca de cinco dias sem calefação, e quando foram abastecer o aquecedor, descobriram que o galão de gasolina estava vazio. Para se manterem aquecidos, Ghofran e a família precisaram passar um tempo na casa dos pais do marido, na capital.

Quando a guerra civil começou, os impactos até que demoraram a chegar para Ghofran. Eles foram crescendo gradativamente conforme o conflito se intensificava, atingindo regiões do país de maneira diferente. Em 2011, a guerra tinha recém começado e ainda não tinha tomado uma grande proporção. O fornecimento de energia e água era normal. Em 2012, o conflito já era mais forte em outras cidades, Damasco ainda era segura e se podia ir trabalhar normalmente. Já em 2014, a energia começava a oscilar, funcionando a cada duas horas.

— Em 2015, a energia funcionava apenas por 2 horas. Fazíamos tudo de manhã, quando tinha luz. Graças a Deus a minha casa tinha sol, era iluminada. Toda família comprava uma luz de emergência, carregava na parede e depois usava quando não tinha energia. Em 2015 ficou muito difícil para viver. Não tinha luz, nem água, nada para se aquecer, era muito difícil.

Quando visitava a casa dos pais, Ghofran sentia as mudanças acontecerem em Damasco. Muitos moradores dos arredores da capital começaram alugar casas lá, fugindo das zonas de conflito mais intenso e buscando a segurança oferecida

na cidade. Com o aumento da população, às vezes era preciso ficar na fila uma hora apenas para comprar pão.

No mercado ainda havia comida para comprar, mas era muito cara. Aos poucos, alguns itens começam a sumir das prateleiras. Em 2013, o governo sírio começou a ter dificuldades para importar farinha e os engenhos do país não produziam mais farinha por causa da falta de energia. A população começou a sentir a guerra no paladar, já que nem o gosto do pão era mais o mesmo.

A partir de certo momento, levar as crianças para a escola também ficou perigoso. Antes de sair de casa, Ghofran pensava duas vezes, até mesmo quando era para participar de alguma festa de aniversário. Acostumada a passear na sexta-feira, um dia do final de semana no país, Ghofran já não saía por conta das manifestações que aconteciam após a oração.

— E então a vida começa a ficar diferente, sabe? A gente passa a estar sempre preocupado, nervoso. Não tem mais muita paciência, não sabe o que vai ter no futuro. A guerra vai acabar? Vai crescer?

45

A incerteza crescia no peito de Ghofran, a vida mudava e cada acontecimento era um novo choque de realidade.

Mariam

Quando Mariam acordou naquela manhã de primavera, tudo indicava que seria um dia de aula corriqueiro no antigo bairro Bab Tuma, em Damasco. Fazia pouco mais de um ano desde o início do conflito civil na Síria e o cotidiano da adolescente começava a mudar gradativamente. Do apartamento, ela podia ouvir o som de bombardeios e vez ou outra era preciso ficar em casa, mas não naquele dia.

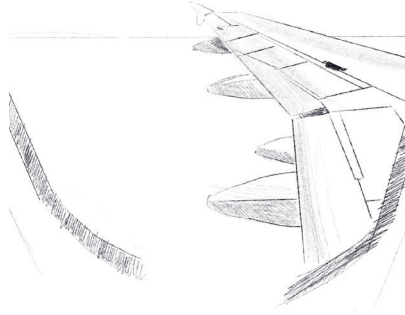
O caminho percorrido pelo ônibus escolar foi tranquilo e Mariam tinha chegado cedo no colégio ortodoxo. Ela já estava dentro do pátio da escola quando uma explosão repentina assustou a todos. De onde estava, a adolescente conseguia ver apenas uma fumaça escura subindo pelo céu e não demorou para descobrir que o foco do incêndio era um ônibus escolar atingido por uma bomba.

Assim que possível Mariam telefonou para os pais, pedindo que fossem buscá-la. Enquanto aguardava sentada em frente à escola, ela se deu conta de que, caso estivesse na rua no momento da explosão, provavelmente não teria sobrevivido, a exemplo de outras crianças que perderam a vida naquele ataque.

Não era preciso que uma bomba explodisse ao seu lado para sentir-se afetado pela guerra. Além do aumento no preço dos alimentos e combustível, dos momentos constantes de tensão, do medo de ficar na rua até mais tarde, diariamente, por meio da televisão, os cidadãos sírios eram atingidos por um outro tipo de bombardeio: o de imagens.

Cenas expondo mortes e ferimentos eram exibidas no noticiário, grande parte das vezes acompanhadas de músicas dramáticas que entravam na casa das pessoas, nas salas de espera dos consultórios, em bares e restaurantes. Assistir televisão tornou-se algo traumatizante para Mariam, que aos poucos perdeu o hábito.

Os acontecimentos daquele dia na escola foram o maior contato próximo de Mariam com a guerra, que se intensificou gradativamente após ela sair da Síria. A explosão ficou marcada na vida da jovem, mesmo não lhe tendo causado danos físicos, e será para sempre lembrada como a gota d'água que fez sua família viajar para o Brasil.



Capítulo

Três

A esperança a 11 mil quilômetros

Heba

Era mais um dia comum quando Heba recebeu uma nova mensagem da secretária do consulado sírio no Líbano. Oito meses após dar entrada na solicitação, ela finalmente havia recebido uma resposta positiva e tinha o prazo de uma semana para ir buscar o visto para o Brasil. Ao ler o documento, percebeu que precisava viajar em, no máximo, 30 dias.

Já com o visto em mãos, Heba estava um passo mais perto de uma grande mudança em sua vida: o próprio casamento. Embora não tivesse muitas esperanças, ao longo dos meses, ela já tinha, aos poucos, organizado tudo o que precisaria levar para o Brasil, onde aconteceria a cerimônia.

Ela estava noiva há cerca de um ano e meio, com um “pequeno” detalhe: o noivo, sírio, morava em outro continente. Ela precisaria sair da Síria para se casar e viveria longe da família. Antes que Heba aceitasse a proposta de casamento, os pais queriam ter certeza de que ela receberia apoio para terminar os estudos no novo país e foram tranquilizados com a confirmação de Abdo, o futuro marido, que concordou plenamente. Com cerca de 12 mil quilômetros de distância entre os noivos, uma cerimônia foi realizada pela internet para oficializar e abençoar o noivado.

Preocupada com a crise no Brasil, noticiada pelos jornais internacionais, Heba chegou a sugerir que o casal fosse para algum país da Europa. Porém, além de parte da família de Abdo estar no Brasil, outro destino implicaria em fazer o trajeto pelo Mar Mediterrâneo e isso seria perigoso. Geralmente o transporte marítimo é feito por contrabandistas, em embarcações de estrutura precária, sem falar no custo altíssimo. Segundo a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), 2.275 pessoas morreram ou desapareceram ao cruzar o Mar Mediterrâneo em 2018.

Acertado o destino, Heba, então, deu entrada na papelada, solicitando visto para viajar. Ela fez os trâmites no Líbano, já que na Síria conseguiria apenas o visto de turismo e ela precisava do classificado como humanitário para poder residir no Brasil.

Enquanto a burocracia se desenrolava, Heba resolveu prestar vestibular, apesar dos anos de estudos perdidos durante o conflito. Quando o resultado foi divulgado, ela percebeu que tinha quase alcançado a nota máxima da prova, o que era suficiente para entrar no tão esperado curso de medicina.

Dois meses após as aulas começarem na Universidade de Damasco, Heba recebeu a notícia de que ela poderia sair da Síria. Porém, por conta do pouco tempo cursado, ela não conseguiria levar qualquer registro da universidade. Ela precisava então escolher. Ignorar o visto, continuar no curso por mais alguns meses, concluir o ano letivo e já com um histórico escolar solicitar um novo documento. Ou, desistir das aulas e ir para o Brasil, mesmo sem documentação alguma que comprovasse que estava na universidade. Caso ela não viajasse no prazo de 30 dias, o visto expiraria e talvez não existisse uma segunda chance para sair do país. Diante das incertezas que construir um futuro na Síria trazia, ela escolheu viajar.

O vestido de noiva já estava comprado, assim como as roupas novas que levaria na bagagem. Dentre os vários preparativos para a viagem, que seria logo após o *Valentine's Day*, Heba organizou uma festa para comemorar o casamento que aconteceria no Brasil. A família não teria como participar da cerimônia oficial, porém ela não queria que aquele momento passasse em branco. Com a ajuda do pai, ela reuniu familiares em um salão com bolo e suco, mesmo sem o noivo. Os vídeos e fotos ela guarda com carinho, e quando os assiste vem logo um sorriso no rosto.

Vestida de vermelho bordô, com as cores do Dia dos Namorados, Heba caminhou pela calçada coberta de neve.

Eram cinco horas da manhã quando ela entrou no carro que a levaria até o Líbano. Heba queria ficar com sua família, mas também queria ir para o Brasil. O sentimento conflitante deixou a despedida ainda mais difícil e a viagem, mais longa. Em uma fria manhã de fevereiro, aos 21 anos, Heba subiu no avião para começar uma família em terras brasileiras.

Ao longo da viagem, ela não conseguiu dormir direito. Foram três aviões e mais de 12 horas entre as conexões. Em um dos aeroportos, Heba conversou com uma jovem jornalista indiana, Priyanna Shankar. A conversa ajudou a passar o tempo e acabou virando história no blog pessoal da jornalista. Foi apenas no voo para São Paulo, o mais longo, que a ficha efetivamente caiu. Relembrando a Síria, ela inclusive conversou com a aeromoça.

Empurrando um carrinho de bagagem com duas malas grandes vermelhas e uma menor, Heba saiu pela porta do desembarque do pequeno Aeroporto Internacional de Florianópolis. Esperando por ela estava Abdo, seu noivo, que vestia uma calça bordô do mesmo tom que o vestido da jovem. Entre sorrisos, finalmente o abraço pelo qual os dois estavam tão ansiosos; a alegria estampada no rosto dos jovens, que se casariam em três dias.

Rania e Mirna

A família acordou antes do sol nascer e juntos tomaram um café da manhã reforçado, embora estivessem durante o Ramadã. O nono mês do calendário islâmico é o período em que a maioria dos muçulmanos pratica o seu jejum ritual e faz apenas uma pequena refeição antes da alvorada e outra após o anoitecer. Samer, Rania, Mirna e Ali, porém, iriam fazer uma longa viagem e poderiam ser dispensados do jejum.

Em um período do ano no qual se celebra a fé e a alegria em conjunto com familiares e amigos, os Kalthuom se

despediram da Síria e partiram em direção ao Líbano. Em uma camionete de três lugares, a família foi até Damasco onde um outro carro os esperava, de lá cruzaram a fronteira.

Com as crianças, era preferível ir até o país vizinho solicitar um visto temporário para acolhida humanitária do que fazer o trajeto para a Europa, cruzando o Mar Mediterrâneo em busca de refúgio. Tampouco queriam dividir a família, indo cada um para um país diferente.

— O Brasil era fácil para vir. Na Alemanha, por exemplo, era perigoso. Muita gente morreu atravessando o mar. Falamos “vamos ficar juntos” e daí decidimos pelo Brasil.

Antes da viagem definitiva, quando decidiram o destino, a família também precisou viajar até o Líbano para solicitar o visto humanitário. A viagem é lembrada com bastante frequência por Mirna que a considera um momento muito especial, já que fazia tempo que ela, a mãe, o pai e o irmão não tinham um tempo apenas para eles. Enquanto a burocracia se desenrolava, a família ficou em um hotel e aproveitou o tempo para sair da rotina, passeando, comendo pizza, alimentando peixes em um lago e aproveitando a companhia um do outro.

A viagem para o Brasil representava muitas coisas novas para Mirna, que viajaria de avião pela primeira vez. Ela costumava enjoar quando andava de carro e logo no começo do primeiro voo a vontade de vomitar tomou conta da menina. Como forma de distraí-la, Rania e a comissária de bordo deram *play* no filme do personagem Bob Esponja; no canto superior da tela um mapa do trajeto percorrido na viagem.

O voo que os levaria para o Brasil demoraria mais de 15 horas, um tempo bastante longo, ainda mais sem travesseiros para dormir no avião. Das quatro almofadas que a família tinha separado, apenas uma foi colocada na mochila pela avó, que a encontrou solta na casa e não quis que fosse

esquecida. As outras três foram deixadas para trás na hora de fechar as bagagens.

Com apenas um travesseiro, as duas crianças revezavam para tentar dormir. Os pais estavam sentados em outra fileira, enquanto Mirna e Ali estavam juntos, ao lado de uma moça desconhecida. Quando chegou a hora de comer a refeição oferecida pela companhia aérea, eles não conseguiram abrir as embalagens e se servir adequadamente. Percebendo a dificuldade das duas crianças, a moça ofereceu ajuda. Mais tarde ela também emprestou um cobertor e acolheu Mirna no colo para que a menina pudesse descansar um pouco. A calça jeans apertava Mirna durante as horas de voo, tornando a viagem ainda mais desconfortável.

— Era apertada, daquelas bem justas. E a gente trouxe pouca roupa e só uma muda na mochila em cima e era calça jeans também, então nem adiantava trocar.

52

Em Florianópolis, a família era aguardada por um amigo que já morava na cidade e indicou que o município era um bom lugar para viver. Já sabendo para onde a família iria, ainda na Síria, Samer começou a procurar uma casa e um trabalho na cidade, porém não tinha encontrado. Na bagagem, traziam roupas e lembranças mais do que qualquer outro objeto. Apesar de todas as incertezas, a ilha ainda oferecia à família uma melhor perspectiva de futuro do que a Síria.

Ghofran

As pequenas xícaras brancas com detalhes em prata foram embaladas cuidadosamente e colocadas na mala. Os brinquedos favoritos de Joud e Rehab também tiveram lugar reservado na bagagem. As panelas, vidros e outros itens do enxoval de casamento ficariam para trás. Era hora de colocar

as malas no carro e partir em direção ao Líbano, onde Ghofran e as duas filhas pegariam o primeiro de três aviões. O destino final: Brasil.

Cerca de seis meses antes, Ghofran tinha contado à família que iria embora da Síria. A compreensão do pai, as lágrimas da mãe e o abraço apertado da irmã mais próxima marcaram a decisão dela. Ghofran e o marido tinham decidido que, ao contrário de muitos refugiados sírios, não iriam para a Europa. A travessia pelo mar era perigosa, ainda mais com duas crianças pequenas, e era preciso pensar na segurança das filhas.

Desde então, os dias tinham sido de preparação para a viagem. Os vistos para entrar no Brasil foram retirados em Beirute, no Líbano. O primeiro contato foi feito pelo marido de Ghofran, Louay, que por ser palestino demorou 16 horas para conseguir a liberação de entrada. Em seguida, Ghofran e o marido foram novamente ao país vizinho para conversar com a embaixada e então receber os documentos.

53

Após resolver a questão dos vistos, Louay, logo viajou para o Brasil. A ideia era que ele encontrasse uma cidade, um trabalho e uma casa para viver. Chegou em São Paulo e logo pensou que aquele não era o lugar mais adequado para criar duas crianças pequenas e estrangeiras. Recorreu então à *internet*, procurando por um destino que oferecesse maior segurança à família. Dona do título de capital com o melhor Índice de Desenvolvimento Humano do Brasil (IDH)⁴ e classificada como a mais segura⁵, Florianópolis, no estado de Santa Catarina, foi a escolhida.

Enquanto Louay organizava as coisas no Brasil, Ghofran se preparava para cruzar o Oceano Atlântico. Na companhia de uma amiga, que também levava uma criança, ela atravessou a fronteira com o Líbano em direção ao aeroporto. Fazia quase 20 anos que ela não viajava de avião, desde que tinha voltado do Catar na infância.

⁴ BRASIL. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras - 2013. Acesso em: 16 jun. 2019.

⁵ MACROPLAN. Desafios da Gestão Municipal 2017. 2017. Acesso em: 16 jun. 2019.

Carregando várias malas e cuidando de duas crianças pequenas, Ghofran mal comeu durante a viagem. Ela e a amiga intercalavam os cuidados dos filhos quando uma das duas precisava ir ao banheiro. Em Marrocos, a espera para tomar um novo avião foi longa o suficiente para que as duas mulheres pernoitassem em um hotel. De lá, iriam direto para o Brasil. Joud e Rehab nunca tinha andando de avião e a mais velha sentiu um pouco de medo, enquanto a outra dormiu a viagem toda. Como forma de distrair as filhas, Ghofran tinha levado algumas balas.

— Não é uma viagem para passear, foi muito difícil. Elas falavam que estavam cansadas e eu falava que iríamos descansar no Brasil.

54 O avião pousou no Aeroporto Internacional de Guarulhos, o maior da América do Sul. As filhas de Ghofran pediam por comida e estavam com sono e ela não conseguia encontrar o portão de embarque do qual sairia o voo para Florianópolis. As pessoas com quem ela fez contato para pedir ajuda não conseguiam se comunicar com ela em outro idioma que não fosse português. Ao perceber que Ghofran era estrangeira e trazia várias malas, um homem que falava inglês se aproximou e ofereceu auxílio. Além de ajudar a carregar as bagagens, ele também encontrou o portão. Após três horas de espera, tinha chegado o momento embarcar rumo à nova cidade e reencontrar Louay.

Mariam

A viagem de táxi de Damasco até Beirute, embora demorasse cerca de duas horas, durou uma eternidade para a adolescente que deixava para trás um namorado, alguns amigos, a escola e a preparação para o vestibular. Ao longo dos cerca de 120 quilômetros que separam as duas capitais, as lá-

grimas escorriam pelo rosto de Mariam. Menos de dois meses antes a adolescente não imaginava que teria que recomeçar sua vida do outro lado do Oceano Atlântico.

A guerra na Síria estava próxima de completar um ano e meio e não dava sinais de que iria terminar, pelo contrário. A explosão próxima à escola da adolescente, em Bab Tuma, fez com que os pais decidissem sair da Síria. Bastava agora escolher um novo país e fazer as malas.

Em um primeiro momento, a Suécia chegou a ser cogitada como destino para a família. A ideia, porém não foi levada adiante já que conseguir um visto para entrar na Europa era mais complicado. Cerca de dois anos antes, o irmão mais velho de Mariam casou-se na França. A família, porém, mesmo com convite da igreja, reservas no hotel e comprovação de que voltariam para a Síria após a cerimônia, não recebeu liberação para ir ao casamento; o jeito encontrado foi assistir por meio de videoconferência.

Esse mesmo irmão de Mariam já estava no Brasil, em São Paulo, havia alguns anos e queria se mudar para Florianópolis, no Sul do país. Todos decidiram, então, que a cidade seria o destino ideal. Para viabilizar a viagem, os dois carros da família foram vendidos. Um deles pagaria as passagens, o valor recebido pelo outro seria usado já na nova cidade.

Cerca de 60 dias depois, com visto de turismo em mãos, os Muhsen cruzaram a fronteira entre a Síria e o Líbano para tomar um avião rumo à cidade de Florianópolis, já que o aeroporto sírio estava fechado na época. Antes de embarcar, alguns amigos da família se despediram, emocionados. Dos amigos que viviam em outras cidades, Mariam nem conseguiu se despedir direito.

Diferente de muitas pessoas que saíram da Síria, Mariam não deixou família no país. Os tios e outros familiares já estavam em São Paulo, Campo Grande e também na Europa. Antes de ir para Florianópolis, a família de Mariam ficou um mês em São Paulo organizando todos os documentos. A adolescente falava inglês e francês e tinha um pouco mais facili-

dade para aprender o português, durante as aulas com a professora particular que a família contratou para as três filhas.

Na bagagem que ajudaria a recomeçar a vida no Brasil, Mariam trouxe apenas as roupas essenciais, tendo doado casacos de neve, sapatos, blusas e outros itens que não seriam usados no novo país antes mesmo de viajar.



Capítulo

Quatro

Vida em transição em uma nova cultura

Heba

Era Carnaval de 2017 e fazia uma semana que Heba tinha chegado ao Brasil. Ela e o marido estavam comemorando a lua de mel na Barra da Lagoa, praia de pescadores artesanais que atrai surfistas e também banhistas, quando resolveram conhecer a maior festa popular do país.

Enquanto o casal passeava pelo bairro, um desconhecido abordou Heba e perguntou se o véu que ela estava usando era uma fantasia. Surpresa, a jovem respondeu que não, que ela era muçulmana.

— O homem então começou a dizer que ele era judeu, que eles eram melhores do que os muçulmanos e que não era permitido que nós falássemos na presença dele.

58

Naquele mesmo dia o casal retornou ao apartamento que alugava no bairro central de Florianópolis. Protegida pelas paredes de sua casa, Heba chorou. Em sua mente ela se perguntava se todos os dias que estavam por vir seriam assim. Ela sabia que aquele homem talvez nem fosse do Brasil e que a sua opinião não representava a de todos os brasileiros, mas naquele momento, recém-chegada da Síria, o episódio a fez diminuir a frequência com que saía de casa.

Mais ou menos um ano e meio depois, em um começo de tarde cinzento no Passeio da Pedra Branca, no município de Palhoça, Heba passeava pelo *shopping* a céu aberto. Na ampla calçada, um homem passou ao seu lado e a saudou com um cortês “Salamaleico” - em árabe, *Salaam Aleikum*: que a paz de Deus esteja com você. Em resposta, a jovem muçulmana respondeu “*Aleikum Essalam*”, que significa “esteja ela com você também”.

Esses dois momentos representam como, ao usar o hijab, Heba ou qualquer outra mulher é facilmente identificada como muçulmana. Com o reconhecimento, vêm muitas vezes os estigmas e preconceitos relacionados ao Islã, além da curiosidade. Na rua, na praia, no *shopping*, os olhares são constantes.

— As pessoas que não são muçulmanas ficam nos olhando muito. Eles acham que a gente vai ficar olhando de boca aberta para pessoas de biquíni, por exemplo, mas na verdade é o contrário.

Atualmente, há dois anos no país, ela ainda sente dificuldades para lidar com os olhares constantes e com a falta de hospitalidade local. Tem dias em que ela simplesmente não dá bola, em outros faz questão de “encarar de volta”.

— O ser humano gosta de ser amado, acolhido, gosta de se sentir em casa e às vezes eu não sinto isso. Eu entendo, mas com o tempo fica chato, cansativo. Quero viver uma vida normal.

Pendurados atrás da porta branca do quarto estão mais de 15 véus que Heba usa como *hijab*. Engana-se quem pensa que eles são todos iguais. Há de diferentes estampas e cores e também estilos, então as mulheres podem combiná-los de acordo com as roupas, ocasiões e também grau de praticidade.

Heba usa o véu quando sabe que encontrará algum homem que não seja da família, mas há mulheres que vestem apenas no momento da oração. Por vezes, olhares invasivos fizeram com que Heba se sentisse mal, com baixa autoestima e até cogitasse não usar mais o *hijab*. Ela sabia que, caso tirasse, seria aceita pela família, por mais que pudesse existir

um estranhamento inicial. Isso, porém, nunca aconteceu. Ao enfrentar momentos de dificuldades, ela encontrava forças em sua fé e paz interior.

Mesmo sem [o *hijab*], você continua na religião. Fazer coisas boas é o mais importante. Mas eu não seria eu mesma sem o véu. Eu sou forte vestindo o *hijab* e a minha prioridade é o que eu penso e também Deus.

O primeiro ano de Heba no Brasil foi o mais difícil. Não apenas também pela adaptação por conta do *hijab*, mas também pela solidão. Na Síria, vivia com a família e era muito próxima do pai. No novo lar, ela passava grande parte do dia sozinha. O marido Abdo trabalhava mais ou menos 12 horas diariamente em um restaurante para conseguir sustentar a casa. O salário não era bom e eles ainda não sabiam direito quais eram os direitos dos trabalhadores no Brasil. Como filha de uma família abastada, ela também nunca tinha se preocupado com as contas para pagar.

60

— De repente eu era dona de casa, em um novo país. Não queria trabalhar em áreas que não fossem as dos meus estudos.

Apesar de todas as mudanças, Heba tinha mais uma preocupação: queria voltar a estudar. Antes de sua viagem, ela já tinha deixado claro a Abdo que seus estudos continuariam sendo prioridade quando ela casasse.

Já em terras brasileiras, a jovem fez a validação do histórico escolar sírio, porém não conseguiu solicitar transferência para algum curso de medicina, já que não tinha terminado o primeiro semestre da faculdade em seu país de origem. Em determinado momento ela chegou a pesquisar no Google “cursos de medicina brasileiros” e começou a enviar e-mails, para ver se conseguia uma vaga.

Foi da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) que ela conseguiu algum retorno, cerca de um ano depois de sua chegada no Brasil. Com as boas notas do Ensino Médio ela poderia ingressar em qualquer curso, exceto medicina, que exigia prova para entrar. Para continuar na área da saúde, Heba escolheu cursar Odontologia, mesmo sabendo do custo dos materiais e da mensalidade, que fica em torno de 3 mil reais e varia de acordo com o número de créditos cursados.

— Era um risco, mas pensei “vou entrar e tentar uma bolsa”. E consegui. Hoje eu não pago a mensalidade. Pediram todos os documentos, valor do aluguel. Tudo.

Com a vaga garantida, o casal se mudou para um apartamento vizinho à faculdade, assim Heba não perderia tempo se deslocando e poderia ir para casa nos intervalos e entre as aulas.

Para conseguir acompanhar o conteúdo das disciplinas, a jovem anotava palavras que não entendia, gravava todas as aulas e revisava no final do dia os áudios sobre o que tinha aprendido.

Antes mesmo de conseguir os documentos para sair da Síria, já noiva, ela estudava português por aplicativos de idiomas no celular e conversava on-line com pessoas que a ensinavam um pouco. Chegou no Brasil conseguindo compreender uma conversa simples.

Rania e Mirna

Debruçada sobre uma pequena mesa perto da porta, Mirna usa uma caneta e um caderno para explicar como funciona o alfabeto árabe. O som da máquina de costura do pai, que trabalha como alfaiate no centro de Florianópolis, se mistura à sua voz empolgada.

— Se tirar esse sinal aqui, que parece um acento, já é outra letra. Em árabe a gente não tem o P, de pipoca, por exemplo, tive que aprender aqui.

Idioma falado em 58 países e considerado oficial em 26, o árabe não segue o alfabeto romano, como o português. Ele é escrito e lido da direita para a esquerda e não apresenta diferença entre letras maiúsculas e minúsculas .

Embora graficamente, e quando falado rápido, possa parecer distante, o árabe apresenta palavras semelhantes ao português. Açúcar, por exemplo, é Sucar. Música é musicá, blusa é bluza, limão se fala lemon e azeitona é zeton.

Quando começou a estudar o português, Mirna usava um dicionário árabe/português como apoio e achava que nunca conseguiria aprender. Hoje, após quase quatro anos da chegada no Brasil, ela é fluente, serve de intérprete para os pais que ainda não dominam tanto o idioma e oferece o dicionário emprestado, se você tiver vontade de aprender árabe. Com um sorriso no rosto, Rania escuta a filha conversar sobre como se adaptou ao novo país e confirma que os filhos se acostumaram rápido à cultura brasileira.

Na primeira escola de Mirna em Florianópolis, Escola de Educação Básica Lauro Muller, um dos professores comentou que tinha muito interesse em conhecer a cultura e o idioma árabe. Nasceu então uma parceria: a família ensinava ao brasileiro o idioma materno e ele, o português.

Para Rania, o aprendizado foi mais difícil, mesmo tendo domínio do inglês. Ela diz que é por causa da idade, mas Mirna também explica que os pais têm menos contato com brasileiros. Antes de ter seu próprio ateliê de costura, Samer trabalhou um bom tempo com um amigo árabe e também convive na mesquita e em outros círculos sociais onde o árabe é o idioma predominante. Já Rania não vai muito à mesquita, costuma orar mais em casa ou na loja, e com os afazeres

do dia a dia acaba nem tendo tempo para ter conversar com muitas pessoas.

A parceria entre a família Kalthuom e o brasileiro acabou se tornando amizade e as aulas de português se estenderam para passeios na praia, almoços e bons momentos. O professor, muito querido por Mirna, morava em Ingleses, bairro localizado no Norte da ilha e um dos pontos turísticos mais procurados no verão. Foi durante uma das visitas à casa dele que a família estrangeira teve o primeiro contato com as praias brasileiras. Mirna se refere àquele dia como a primeira vez que foi à praia, já que na Síria ela era muito pequena para se lembrar das visitas ao litoral, banhado pelas águas do Mar Mediterrâneo.

Rania logo percebeu que a aparente liberdade de vestimentas que se vê nas praias brasileiras não vale para todos os estilos. Caminhar nas ruas brasileiras pode parecer algo extremamente simples e rotineiro, porém é diferente quando se usa um *hijab*. Na Síria, e no mundo árabe de maneira geral, o uso do adereço religioso é algo bastante comum. Tema de discussões políticas, moda e até música, o véu é interpretado de diferente no Brasil. Com um sorriso gentil, Rania conta que já escutou coisas ruins enquanto andava na rua, mas que não dá bola.

— Lá o *hijab* é normal, aqui as pessoas olham diferente. Antes da guerra, quando queria ter a companhia de outras pessoas, eu não olhava para a religião deles. E é assim lá na Síria.

Ao chegar em Florianópolis, Samer não tinha emprego nem residência. Passaram mais ou menos duas semanas na casa de um amigo da família com quem o pai começaria a trabalhar.

Não demorou muito para conseguirem alugar um apartamento de apenas um quarto, no Centro da cidade. As crianças dormiam na sala de estar e a lavanderia servia como ateliê de costura do pai. Ainda era Ramadã quando a família se estabeleceu no Brasil e foi no *Eid al-Fitr*, comemoração que marca o fim do mês sagrado, que Mirna começou a se integrar com a nova comunidade. Lá ela ganhou alguns brinquedos novos, já que tinha trazido apenas alguns, e comeu pela primeira vez um doce muito popular no Brasil: churros de chocolate.

Ghofran

Como planejado, Louay estava esperando na pequena área de desembarque do Aeroporto Hercílio Luz, em Florianópolis.

64

Os próximos meses não seriam fáceis para a família. O esposo de Ghofran já estava no Brasil há seis meses, preparando-se para a chegada do restante da família. Desembarcou em São Paulo, onde tinha um amigo imigrante, mas que também não podia ajudar muito.

Quando chegaram em Florianópolis, o apartamento no qual a família iria viver ainda estava vazio. Eles, então, ficaram por um mês na casa da esposa do chefe de Louay, que ofereceu abrigo enquanto eles se estabeleciam. Em 2016, o conflito civil na Síria já era conhecido em boa parte do mundo, sendo notícias nos principais canais de notícias. Sabendo da situação do país, muitas pessoas se disponibilizaram a ajudar Ghofran quando ela chegou no Brasil.

O bem estar das crianças sempre foi a maior preocupação de Ghofran e seu marido. Preocupados com a adaptação das filhas, prepararam festas de aniversário para que elas fizessem novas amigas. Para Joud, a mais velha, detalhes em rosa. Para Rehab uma festa em tons de azul, do filme *Frozen*: uma aventura congelante. Além dos bolos decorados, as mesas

eram repletas de doces, principalmente os pudins de leite feitos por Ghofran.

Longe de casa, Ghofran já não contava com uma rede de apoio, ela e o marido estavam por conta própria. Na Síria, a família ajudava a cuidar das crianças, principalmente da primeira filha.

Sentada no sofá xadrez do apartamento em que vive, os pés descalços tocando o tapete felpudo da sala, Ghofran relembra a importância da família que deixou na Síria e dos amigos.

— Quando você vai para outra cidade, fica triste. Você precisa da família, de uma amiga.

A melhor amiga de Ghofran era também uma de suas irmãs, Sheroo, que veio visitá-la em 2017. A moça, que nunca tinha conhecido o Brasil, passou quatro meses morando com a irmã, matando a saudade. Sheroo, única irmã solteira, também é muçulmana, porém, ao contrário de Ghofran, usa o véu islâmico, o *hijab*, e voltou para a Síria por não conseguir se adaptar. Para ela, estar com a família da irmã era bom, era uma vida boa, porém andar pelas ruas brasileiras era complicado. Quando ela pegava ônibus, quando passeava, todo mundo olhava e ficava perguntando.

— Ela disse que aqui era muito difícil. Ela também não pode ficar sem trabalhar, nem sem as amigas dela, daí ela voltou.

Ao longo de sua vida, Ghofran conviveu com mulheres da família que usavam e não usavam o *hijab*. Ao chegar no Brasil, ela escolheu não usar, embora acredite que o véu seja muito importante para a religião.

— Para mim é muito difícil usar e aqui no Brasil mais ainda. As pessoas perguntam o que é, do calor, para que cobrir o cabelo, etc. Eu faço o que Deus gosta, ele sabe o que está no coração. Eu uso o *hijab* durante a oração.

Na capital catarinense, a maior parte dos imigrantes e refugiados árabes mora no Centro, onde fica a mesquita. A comunidade que frequenta o Centro Islâmico é uma importante rede de apoio para quem chega. Ghofran, porém, vive em um bairro continental de Florianópolis e tem apenas uma amiga árabe, as outras são brasileiras, principalmente mães de amigas das filhas.

Um importante apoio para Ghofran veio da iniciativa Círculos de Hospitalidade. A Organização não governamental é composta por voluntários que desenvolvem diversas atividades sociais, culturais e educacionais com pessoas em situação de refúgio e imigrantes em Florianópolis. Desde 2015 eles têm como objetivo principal resgatar a cultura da hospitalidade e da paz em tempos de intolerância com os refugiados, além de facilitar a integração dessas pessoas na nova comunidade.

Ao chegar, Ghofran não encontrou trabalho em sua área de formação e as funções que exigiam oito horas fora de casa também não eram uma opção. Trabalhar e pagar uma babá para cuidar das crianças traria tanto retorno financeiro quanto se ela não trabalhasse e ainda a deixaria longe das filhas.

Com a colaboração de Bruna Kadletz, co-fundadora do Círculos, Ghofran encontrou uma atividade que ela gostava e podia fazer a domicílio, com horários flexíveis: tatuagem de *henna*. Juntas criaram uma página no Facebook, fizeram um vídeo de divulgação e aos poucos Ghofran foi se inserindo no mercado de trabalho e participando de eventos.

Mariam

Ao chegar em Florianópolis, cidade também conhecida como Ilha da Magia, Mariam achou que estava no paraíso. O mar e a floresta encantaram os olhos da adolescente, que tinha ido à praia uma ou duas vezes na vida. No caminho do aeroporto até o apartamento onde ficariam, cerca de 30 quilômetros, ela passou por praias e morros que contrastavam com as também belas paisagens da Síria. Ela estava a caminho de sua nova casa.

A tranquilidade e alegria transmitida pela natureza, porém, não se estenderam à nova escola. Apesar da receptividade dos professores, que a auxiliavam e deixavam que ela utilizasse tradutor *on-line* para fazer as provas nos primeiros meses, a falta de amigos abalou Mariam.

Falando com quase ninguém durante o primeiro mês na escola, a adolescente apenas ouvia os comentários feitos sobre ela. No Brasil há mais ou menos seis meses, ela já havia feito aulas de português e conseguia entender quase tudo que era dito pelos colegas de sala.

— Eles começavam a conversar entre eles, se perguntando se eu iria entender português. Teve uma vez que eu entrei e sorri pra todo mundo, pra ser educada, simpática, e uma das gurias perguntou aos outros “será que ela é lésbica?” e eu virei e disse “eu falo português” e ela ficou sem reação daí. Eu só queria ser simpática.

Como forma de recepcionar e integrar a adolescente síria, a coordenadora do colégio inclusive solicitou que uma das estudantes da escola explicasse como funcionava, mostrasse as dependências, porém a tentativa não deu certo.

— Eu me sentia seguindo ela, sabe? Ela saía e nem falava comigo, eu ficava meio que andando atrás dela até que um dia eu decidi sentar sozinha e ninguém reparou.

A dificuldade de fazer amigos foi o mais difícil para Mariam. No colégio, ela acabou se aproximando de uma estudante brasileira que tinha vindo da Espanha, mas foi só. O terceiro ano do Ensino Médio passou sem que ela conseguisse criar vínculos fortes de amizade, o que quase resultou em uma depressão.

— Só no final do ano que eu acabei saindo um pouco, eles estavam juntos há muito tempo, como turma. É muito difícil fazer amigos aqui.

No primeiro ano em Florianópolis, como forma de passar o tempo, ela, as irmãs e a mãe, começaram a frequentar a academia do bairro onde moram. Foi nesse momento de lazer em que Mariam começou a conversar mais com os brasileiros.

— Quando a gente conversava em árabe as pessoas achavam que a gente estava brigando. O povo daqui é muito curioso, generalizado. A maioria que descobre que não somos daqui, adora, parece que é de outro planeta, mas não é por maldade, não.

Para evitar muitas perguntas, em seu dia a dia jovem quase não fala que veio da Síria e, apesar das dificuldades, Mariam considera o povo do Brasil bastante hospitaleiro e compara as histórias de amigos que foram à Europa. Um dos amigos com quem ela mais mantém contato mora na Alemanha. Mesmo tendo ido com visto de estudante, ele é constantemente alvo de comentários xenofóbicos e xingamentos quando as pessoas descobrem que ele é sírio.

— Pelo menos aqui, quando eu digo de onde venho, “nossa, que legal”, adoram saber que eu sou de lá. Aqui me tratam bem, mas não sei como é para mulheres que são muçulmanas e usam o *hijab*. Eu entendo o que aconteceu, que os refugiados mudaram muitas coisas, mas você não pode generalizar e tratar alguém mal sendo que ele não te fez nada.

Para o restante da família, a adaptação também não foi simples. Ao chegar em Florianópolis, a família de Mariam ficou no apartamento de conhecidos, onde não pagava aluguel, apenas condomínio e despesas como água e luz. Nos primeiros meses eles utilizaram o dinheiro arrecadado com a venda de um dos carros até que o montante acabasse. Acostumado a ser o próprio patrão, o pai de Mariam não conseguia trabalhar em Florianópolis. A irmã e o irmão mais velhos ficaram responsáveis por ajudar no sustento da família quando o dinheiro trazido da Síria começou a diminuir. Era preciso mudar a forma de vida, reduzir os custos, viver com menos.

Em determinado momento, menos de um ano após a mudança para o Brasil, o pai de Mariam decidiu, então, que queria voltar para a Síria e que todos o acompanhassem. Após tantas dificuldades para se adequar à escola, ao idioma, Mariam não viu a notícia com bons olhos.

— Poxa, eu já tinha me acostumado aqui, já estava fazendo trabalho, no meio do ano e ele queria voltar! Ele já estava quase comprando as passagens.

A mãe concordava em quase tudo com o pai e as irmãs, que ainda sentiam muita falta dos amigos que tinham ficado no Síria, estavam divididas. Mariam, de certa forma, queria e não queria voltar, porém quando pensava em começar tudo de novo, sabia qual era a sua decisão: não seria capaz. Inconformada, ela se perguntava se o pai achava que era fácil começar tudo do zero aqui e precisar voltar, iniciar uma nova

faculdade, mesmo sabendo que para ele também não estava sendo fácil recomeçar aos 50 anos.

No dia seguinte à discussão, uma nova bomba atingiu um bairro de Damasco e a decisão de retornar foi temporariamente suspensa. Cerca de três anos depois, o pai voltou para a Síria, motivado pelas mesmas razões de antes. A mãe e as irmãs permaneceram em Florianópolis.

— Tivemos que economizar e ele não conseguiu se adaptar à mudança de estilo de vida e voltou. Ele reclamava de tudo. Tem gente sofrendo mais do que a gente, só que ele achava que era só ele que sofria.

Em 2019, completa três anos que o pai de Mariam retornou para a Síria e mora no apartamento da família. Ele retomou à rotina de trabalho e diz que está tentando vender o apartamento por um bom preço, mas ainda não tem certeza se voltará para o Brasil. A casa em Al Zabadani, primeira cidade a ficar sob o domínio do Exército Livre da Síria durante a guerra, foi arrombada e saqueada em algum momento do conflito e já não é mais habitada.

Enquanto isso, no Brasil, uma das irmãs de Mariam, Yara, se formou em Administração Pública na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Ela estudava Economia na Síria e conseguiu transferência, se formando em março de 2017.

A irmã mais velha, Amina, já era nutricionista quando a família se mudou e conseguiu trabalhar em parceria com o irmão em uma loja de suplementos durante dois anos. Após adquirir experiência, conseguiu um bom cargo em uma empresa de importação de vitaminas e suplementos. Ambas enfrentaram dificuldades para falar português, principalmente Yara, que entrou direto nas aulas da faculdade.

Um dos irmãos, o mais velho, retornou para São Paulo onde vive com a esposa e o filho pequeno. Ele foi o

primeiro a vir para o Brasil, há cerca de 15 anos, antes da guerra civil começar, e incentivou que a família se mudasse para a capital catarinense. O caçula da família agora começou a cursar o Ensino Médio em Florianópolis.

No primeiro ano no Brasil, Mariam se dedicou ao último ano do ensino médio, o terceiro ano. Após terminar os estudos, trabalhou em uma loja de bonecas russas e uma de biquínis para guardar o dinheiro que pagaria o cursinho para o Vestibular, prova que seleciona as pessoas que entrarão nas universidades, principalmente nas públicas.

Mariam sabia que não teria como pagar uma faculdade particular, então estudou durante dois anos para o grande exame, que traz, entre outros assuntos, questões de português, redação e história e geografia brasileiras. Vestibulares como o da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) também costumam trazer mais fortemente aspectos históricos e geográficos regionais, o que torna a prova ainda mais difícil para estrangeiros.

Em seu primeiro vestibular passou para Economia, na UDESC, mas trancou o curso e decidiu voltar a estudar. Ao longo do cursinho, como a grande maioria dos jovens, ela mudou de ideia sobre o que gostaria de cursar. Primeiro queria arquitetura, depois inscreveu-se para engenharia civil. Na UFSC não foi aprovada por um ponto. Acabou tentando vagas remanescentes no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) e entrou para o curso de Engenharia Eletrônica.

— Eu já tinha quase desistido porque não passei da UFSC. Mas daí sobrou vaga e eu acabei gostando muito do curso. Depois até me chamaram para Engenharia de Produção Civil na Federal, mas não fui.



Capítulo

Cinco

Um olhar para o futuro

Heba

A última vez que Heba tinha usado roupas totalmente brancas havia sido durante seu casamento, em fevereiro de 2017. Desta vez, a diferença era que, em vez de um vestido de festa rodado e um *hijab* branco, ela usava um jaleco e uma touca cirúrgica. Na mão, tinha um espelho de boca e não um buquê de flores rosadas. Era o primeiro dia de aula dela no laboratório odontológico e terceiro semestre de graduação no Brasil.

Em seu primeiro dia na universidade brasileira, Heba sentou-se na primeira fileira, para evitar se distrair. Comunicativa e alegre, ela decidiu que agiria da mesma maneira como na Síria. Como forma de manter a atenção e compreender melhor o que é dito pelos professores, ela gosta de interagir e fazer perguntas. Frequentar as aulas diariamente a faz praticar o português, que ela já fala com facilidade.

74

Ao chegar no pátio da universidade comunitária, Heba teve o primeiro estranhamento. Ao contrário da Universidade de Damasco, onde estudava na Síria, para entrar não era necessário apresentar uma carteirinha de identificação que comprovasse o vínculo com a instituição. Os cachorros de rua no pátio também foram uma surpresa para ela, que não estava acostumada a vê-los soltos antes de se mudar para o Brasil, muito menos na universidade. As salas de aula eram menores também, tanto em quantidade de estudantes quanto de tamanho físico. Lá, as cadeiras eram dispostas como em uma platéia de um anfiteatro, estando o professor em posição de destaque independente do lugar escolhido pelo aluno.

Da hospitalidade por parte dos professores ela não tem do que reclamar, eles sempre foram muito prestativos e atenciosos, porém no que diz respeito aos colegas de classe, a situação já é um pouco diferente. Heba sente que há muitas

diferenças entre ela e os outros estudantes e que isso acaba criando um abismo que dificulta a amizade.

— É difícil fazer amizades na minha turma e quando eu percebi isso comecei a me focar nas aulas. A realidade é essa: tem diferenças, mas tem respeito entre a gente. Somos colegas, mas não amigos.

Desde então, Heba dedica grande parte do seu tempo livre aos estudos. Nas paredes do quarto, ela fez um esquema do corpo humano quase em tamanho real com várias anotações importantes das aulas. O apreço pelos livros e também por aprender são combustível para a rotina de estudos intensa. Ela, porém, também tem mais uma razão para manter as médias altas: quer ver se consegue uma transferência para o curso de medicina.

Rindo, ela explica que não são apenas as notas que importam e, sim, tudo o que elas significam para uma estudante estrangeira.

— Minhas notas são um orgulho para mim. Isso indica que eu estou entendendo muito bem, indo muito bem e serei uma ótima profissional. Aqui, outros árabes me perguntam como vai a faculdade e até dizem que eu sou o orgulho deles.

Como forma de financiar os materiais necessários para os estudos de Heba, o marido Abdo investiu em uma lanchonete especializada em comida árabe e a nomeou de *Mr. Sírio*. No balcão de vidro, as esfirras de queijo e carne estavam à mostra, assim como brigadeiros e várias opções de doces árabes, como o ninho de passáro de nozes. Atrás, um espeto vertical para assar a carne do tradicional sanduíche árabe conhecido como *shawarma*. O atendimento ao público era feito com muita empenho e confiança. Às vezes, quando um cliente

não tinha dinheiro ou o sistema da máquina de cartão estava fora do ar, o marido de Heba permitia que a pessoa levasse o lanche e pagasse em outro momento. A atitude surpreendia muitos brasileiros, que questionavam se ele não tinha medo de ser enganado. Abdo explicava, então, que estava fazendo a sua parte e que a pessoa voltaria se fosse honesta. E elas realmente voltavam.

Apesar da dedicação, os clientes não foram suficientes, as contas para pagar começaram a crescer e no início de 2019, o casal precisou fechar as portas da lanchonete. Ainda assim, os equipamentos estão guardados no quarto de estudos de Heba e o casal mantém a esperança de um dia reabrir o próprio negócio. No momento, Abdo trabalha em dois restaurantes como empregado.

Enquanto isso, ela segue com a única certeza que sempre teve: quer ser médica. O sonho de criança ainda é uma de suas motivações diárias. Com a guerra, ela não sabe quando voltará para a Síria, mas o desejo existe. Ela quer ajudar as pessoas que precisam, servir à humanidade e acredita que a melhor forma fazer isso é sendo médica. Como exemplo, Heba conta a história da enfermeira voluntária palestina Razan al-Najjar, de 21 anos, que foi morta durante protestos na Faixa de Gaza, em junho de 2018. A jovem salvou centenas de vidas durante o confronto. Na mesma linha de raciocínio, Heba também menciona o Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, que se dedica a prevenir e aliviar o sofrimento humano durante guerras e outras emergências. Com admiração, ela explica os princípios defendidos pela organização, entre eles o de ajudar sem fazer distinção de religião, raça, gênero, cor, etnia, orientação sexual, classe social ou posicionamento político.

Muito feliz em estar no Brasil, ela explica que tudo pelo que passou lhe ensinou muitas lições, uma delas foi valorizar os vínculos afetivos antes dos bens materiais. Em cada

rua, uma lembrança, uma história diferente que resiste até hoje na memória.

— É bem difícil de ver. Olha o que aconteceu lá. Meu pai já trabalhou a vida inteira dele para fazer a casa e ajudar meus irmãos e agora tá assim. Tanto tempo e dinheiro gasto para reformar o apartamento que foi destruído por várias bombas. Até a minha escola agora tá destruída.

Como forma de acalmar o coração, Heba pensa que o resto da sua família está bem, apesar de ter perdido seu irmão. Ela tenta pensar positivo para continuar indo adiante. E, aos 23 anos, ela também tem em mente que o mais importante da vida, não é o final, e sim o caminho.

Rania e Mirna

77

Três batidas antecederam a abertura da porta. “Trouxe mais umas roupinhas para vocês arrumarem... Tudo bom?”, explica uma moça animada. “Então, lindinha, queria ver se por acaso consigo ajustar essa saia...”. Enquanto isso, Rania presta atenção na cliente, preparando a caneta para anotar as informações.

Durante a visita na loja, a cliente bate papo com Rania e Mirna, que interagem animadas. “Ah, eu quero aprender árabe só sei falar o tal de *Habibi*” - meu querido, em árabe. Rania solta uma gargalhada enquanto Mirna começa explicar algumas outras palavras. Curiosa, a moça também pergunta quando a menina começará a usar o *hijab*. Ela explica que o uso do véu na religião é uma escolha da mulher, “mas os homens que acabaram inventando de que é obrigado” e que daí acaba dependendo do marido e da família.

— Eu acho o *hijab* bem bonito, mas não tenho certeza se quero usar. Mas se eu for, bem mais pra frente, tipo quando eu me formar ou começar a estudar na universidade, sabe? Meu pai deu a liberdade para a minha mãe usar ou não e ela quis. Além da religião, ela acha bonito também. - explica Mirna.

A porta é aberta diversas vezes durante a tarde e assim correm os dias na pequena sala onde funciona o ateliê de Samer, alfaiate sírio. Às vezes com mais movimento, às vezes menos. Alugada em um dos prédios mais antigos de Florianópolis, é para lá que Mirna vai após as aulas. A mãe, Rania, também passa boa parte do tempo auxiliando o marido. Para ela, o dia começa cedo, trabalhando em casa, enquanto os filhos estão na escola. Às vezes vai para o ateliê já pela manhã, retorna para fazer o almoço e volta no período da tarde.

78

Ao ficar no ateliê, Rania e Mirna tanto auxiliam Samer quanto aproveitam mais o tempo juntos. Após o trabalho, a família têm o hábito de ver novelas sírias pela internet. Esse foi um costume que trouxeram da Síria, onde geralmente as produções são exibidas durante o Ramadã, mês sagrado dos muçulmanos.

Mirna também tomou gosto pelas produções brasileiras exibidas em canais abertos e entre as favoritas estão “Carinha de anjo”, “Cúmplices de um resgate” e “As aventuras de Poliana”. Quando o assunto é livros, a série “Diário de um banana” tem lugar garantido entre os preferidos. Como estratégia para não gastar a mesada que recebe dos pais, Mirna usa a biblioteca da escola estadual para colocar a leitura em dia.

Rania também já tem suas preferências brasileiras: os doces. Pelo YouTube, aprendeu a preparar suas sobremesas favoritas: brigadeiro e mousse de maracujá. Ela também sabe cozinhar feijão, mas o tradicional prato brasileiro ainda não caiu nas graças do paladar das crianças da família. Então, não é feito com frequência. As comidas que eram preparadas na

Síria ainda são os pratos principais na casa de Rania e quando algum ingrediente falta, ela recorre a um amigo que faz comidas árabes na cidade.

Em Florianópolis, a família fez amigos brasileiros a quem visitam com frequência, inclusive levando alguns pratos tradicionais da Síria para compartilhar como *tabule* - a salada árabe -, esfirra, quibes e alguns doces também. A casa dos amigos fica perto do aeroporto e é comum que o pai da família, chamado de “vô” pelas crianças, leve Ali para ver os aviões decolando, já que o adolescente tem gosto pela aeronáutica.

— Meus pais chamam eles de mãe e pai e daí a gente chama de vó e vô. O vô ele é muito divertido. A vó gosta de ser chamada em árabe de “teite”.

Aos 12 anos, Mirna ainda não terminou o Ensino Fundamental, mas já está de olho na Universidade e pensa ser veterinária. Ela tem muito carinho pelos animais e sua mãe diz que ela poderia ajudá-los caso siga esse caminho. Apegada aos gatos, quando se desloca pela casa, Mirna sempre carrega consigo o gato chamado Tigre, que serve de conforto quando ela sente medo do escuro já que o irmão, quatro anos mais velho, vive pregando peças e assustando a menina com fantasmas e filmes de terror. Além do desejo de ser veterinária, ela também sonha em estudar nos Estados Unidos e visitar sua terra natal.

—Eu quero voltar lá na Síria para encontrar a minha família e passear, mas quero viver aqui, mesmo que não tenha mais guerra. Eu já me acostumei aqui.

De suas 36 primaveras, quatro Rania já passou em solo brasileiro e concorda com a filha: acredita que permanecerão no Brasil mesmo que o conflito civil acabe.

— Acho que agora ficamos aqui, tem casa e trabalho. Agora seria difícil para as crianças, voltar agora, tudo seria diferente.

Ghofran

A sala do apartamento é tomada por um agradável cheiro de café fresco. A delicada xícara árabe está cheia, ao lado dela um pedaço de bolo completa a mesinha na sala de estar. Chove do lado de fora da grande janela de vidro, mas a pequena Rehab parece não se importar, sentada no sofá bege xadrez. O coelhinho branco estampado na meia cor de rosa se mexe de um lado para o outro enquanto a menina se distrai com o celular. Normalmente ela estaria na creche, mas tinha amanhecido febril naquele dia de inverno.

80

Enquanto a menina brinca no sofá, Ghofran cuidadosamente corta a ponta da bisnaga de plástico que guarda o pigmento para *henna*. Na própria mão, ela testa a espessura da tinta que sai. Como se estivesse usando uma caneta hidrocor, ela habilmente começa então a traçar as linhas, as voltas e os pontos que dão forma à tatuagem. Com destreza e delicadeza, em menos de 15 minutos o desenho que ocupa todo o braço está finalizado, basta esperar secar e tirar uma foto para publicar nas redes sociais.

Muito comum nas praias de Florianópolis no verão, a tatuagem de *henna* é uma fonte de renda para Ghofran, que aprendeu a arte com uma amiga indiana quando ainda era criança e vivia no Catar. Os horários flexíveis de atendimento em domicílio permitem que ela ajude a filha mais velha na lição de casa e se adapte ao horário escolares das filhas.

— Quando eu achar um trabalho na área de moda, daí eu vou perguntar se tem vaga, eu gosto de trabalhar com arte. Quando você é *designer* de moda lá na Síria, precisa fazer

muita coisa. *Design*, arte, bordado, tricô, são várias coisas, não para.

Sempre na busca para alcançar seus objetivos, Ghofran não se intimida. No ônibus 185 - UFSC Semidireto, linha que vai do Centro da cidade à Universidade Federal de Santa Catarina, Ghofran conversa sobre as ideias que tem para o futuro. Quer conhecer a universidade e talvez fazer algo relacionado à moda. Acompanhada de Joud, sua filha de 7 anos, estava indo visitar o curso de *Design*, atualmente um dos melhores do Brasil. Ela queria ver, entender como funciona, como é o processo de ingresso, de validação de conteúdos já cursados na Síria. Na secretaria, a coordenadora do curso apresenta como os projetos estão estruturados, os horários das aulas, explica as disciplinas. Também comenta que a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) oferece um curso exclusivamente de moda e indicou com quem Ghofran poderia conversar.

81

Sentada na cadeira azul, segurando a mochila cor de rosa de Joud no colo, Ghofran tem mais uma pergunta para fazer à simpática coordenadora do *Design*.

— Onde posso conseguir aulas de português? - pergunta, sabendo que dominar o idioma será o primeiro passo para novas conquistas.

A mulher então explica que ela precisa ir até o departamento de Letras, onde fica o Núcleo de Pesquisa e Ensino de Português como Língua Estrangeira (Nuple), que oferece cursos gratuitos de português para estrangeiros que sejam imigrantes ou estudantes de graduação e pós-graduação.

As portas do elevador se abrem no quarto andar e, virando à direita, Ghofran caminha pelo corredor até encontrar um mural de feltro azul que exhibe em um cartaz “Aulas

gratuitas de português para imigrantes (visto humanitário ou refugiado)”. Era exatamente o que ela procurava.

Na porta mais próxima do mural há uma moça que faz parte do Nuple e que explica como funciona. Além de ensinar o idioma, nas aulas também é oferecida familiarização com o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras), que Ghofran tem interesse em adquirir. O exame é nacional e oficial e, desde 2000, o certificado Celpe-Bras é exigência para o ingresso de estudantes estrangeiros em instituições de ensino superior para graduação e pós-graduação.

Naquele semestre, em agosto de 2018, seriam oferecidas cinco turmas em diferentes horários. Ghofran tinha interesse, mas também precisava cuidar das filhas já que o marido trabalhava o dia inteiro e, com exceção de uma das turmas, todas eram próximas do horário de meio dia, quando as crianças estavam entrando ou saindo da aula, o que impossibilitava a sua participação. Apesar de não ter se matriculado no curso, Ghofran sempre carrega na bolsa um caderninho para anotar novas palavras que aprende em português. Por vezes, durante as conversas, ela pergunta como se escreve algum termo que desconhece e ao lado anota seu significado.

Há quase três anos no Brasil, Ghofran sente falta da família, que está dividida em três países. As irmãs continuam na Síria, os dois irmãos e os pais estão na Áustria. Porém, ela não sabe se voltará para a Síria mesmo que a guerra acabe. Sua principal preocupação é com Joud e Rehab, que já fizeram amizades no Brasil e não escrevem muito em árabe.

— Agora parte da minha família está na Áustria. Eu quero voltar depois da guerra, mas penso nas minhas filhas. Eu acho que se eu voltar, estrago a vida delas.

Além da família, a comida também é motivo de saudades, sendo a adaptação para a comida brasileira bastante difícil. Mas,

embora possa apontar diferenças e estranhar algumas coisas, Ghofran também se acostumou com o Brasil e fez amigas aqui.

— Quando eu fico triste elas vão na minha casa, conversam, ajudam com o português. As minhas amigas aqui não têm preconceito, têm uma mente mais aberta.

Aos poucos, Ghofran vai trilhando seu caminho no Brasil. Aos 31 anos, além de fazer tatuagem de *henna*, ela é dona de uma empresa que faz comidas árabes sob encomenda e já participou algumas vezes de eventos sobre empreendedorismo e protagonismo feminino no contexto do refúgio e migração.

— A melhor coisa no Brasil é que eu me tornei mais forte e responsável aqui.

Acompanhada do marido e das duas filhas pequenas, Ghofran segue construindo seus sonhos com força e perseverança, sem deixar de lado a alegria e serenidade que lhe são características.

Mariam

Sentada na banquetta da pequena cafeteria, no Centro de Florianópolis, Mariam mostra fotos do inverno na Síria e explica que as pessoas ficam surpresas quando ela conta que lá neva. Hoje já com visto permanente para residir no Brasil, a jovem sente saudades da cidade de Damasco, que tem regiões muito antigas e que ela recomenda conhecer.

—É diferente, não sei... É muita cultura, o passado, tem muitos lugares antigos, muito bonitos. Tirando os conflitos que estragaram muitas regiões, eu quero muito voltar, não pra morar, mas para visitar.

Ao pesquisar na *internet* é possível encontrar imagens comparando a cidade antes e depois da guerra civil no país. A Mesquita dos Omíadas (*Umayyad*) ou Grande Mesquita de Damasco é uma das fotos que aparece com frequência quando essa comparação é feita. Estima-se que o lugar é considerado sagrado há 30 séculos, já tendo sido templo pagão, catedral cristã e atualmente uma mesquita muçulmana considerada patrimônio cultural pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO). O bairro Bab Tuma, onde Mariam estudava, foi definido por um guia local como o lugar onde “você sente a história. Você cheira e vive a história. O lugar mais abençoado na Terra”.

Além da cidade, Mariam também sente falta da gastronomia. A comida árabe feita no Brasil nunca terá o mesmo sabor que tem a da Síria, constata ela após sete anos vivendo em Florianópolis. A comida favorita dela era um quibe servido com coalhada. No início, a mãe, Lina, fazia as comidas árabes, mas era difícil conseguir alguns ingredientes e, quando encontrados, o preço era muito alto.

Aos 23 anos, atualmente Mariam está no quarto ano de Engenharia Eletrônica no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), curso em que se desenvolvem trabalhos para outras áreas como medicina e música.

Ao longo dos semestres, a estudante participou de diferentes projetos de pesquisa nos quais teve apoio através de três bolsas, sendo que em um deles desenvolveu um equipamento para medir a frequência cardíaca. As experiências ajudaram a ter uma ideia do que deseja para o futuro.

— Agora que eu estou conhecendo melhor essas áreas. Eu quero conseguir uma oportunidade de trabalhar na Europa e ter talvez um *startup*, fazer o meu negócio, gosto muito de programação na área de eletrônica.

A rotina intensa da graduação fazia com que Mariam passasse praticamente todo o dia na universidade, nas seis primeiras fases do curso. Entre trabalhar nas bolsas de pesquisa e estudar, sobrava pouco tempo para si mesma e para participar de outras atividades.

— Este semestre eu mudei. Estou voltando mais cedo pra casa, porque quero focar em outras coisas além da faculdade, já que a vida não é só isso. Já fiz 3 oficinas sobre inteligência artificial que eram abertas ao público.

Apesar da correria da graduação, o curso de engenharia eletrônica tem sido melhor do que o colégio principalmente no que diz respeito aos amigos e às relações sociais.

— Está difícil, mas [difícil] como disciplina; foi o lugar onde eu fiz mais amizades, com quem acabo saindo toda semana.

85

Além de todo o resto, com a vinda para o Brasil, a personalidade de Mariam também mudou. Ao chegar, ela precisou vencer a timidez e se considera muito mais determinada e forte. Uma adaptação forçada pela situação e ela se orgulha do que alcançou até o momento.

— Consegui trabalhar, aprender o idioma, passar na faculdade, eu acho que o que eu fiz aqui eu não faria lá. Eu não ia ser tão independente lá, eu precisei me virar em muitas situações.

Ao contar sua história, entre sorrisos e lágrimas, Mariam revela firmeza no olhar e a voz tranquila de quem já recomeçou a vida e vai, pouco a pouco, trilhando seu próprio caminho em terras brasileiras.

Quando vesti o *hijab*, vi no espelho um rosto redondo destacado pelo véu. Mais ou menos meia hora antes eu estava imaginando como seria o passeio que estava por vir, parada diante de vários lenços estendidos em cima da cama de casal. Sem fazer ideia de qual escolher, aceitei a indicação de Heba: um véu fino, rosa escuro, de tecido um pouco brilhoso e bordado com flores azuis e rosas. Ela achava que aquele seria fácil de eu me acostumar e também combinaria com a minha blusa azul. Era um dia de inverno ensolarado, mas não fazia muito frio.

Sentei no colchão e ela colocou a touca branca em mim, arrumando os fiapos rebeldes de cabelo que fugiam pelas bordas. Feita de um tecido meio elástico, a touca é um item opcional, porém ajuda a manter o cabelo preso no lugar e o cobre quando o véu é de tecido um pouco transparente, como era o caso do meu. Com habilidade de quem faz isso há anos, ela enrolou o tecido e o prendeu com um alfinete imperceptível. De frente para o espelho, ela rapidamente colocou o próprio *hijab*. Estávamos prontas para sair.

87

Para minha surpresa, me acostumei mais rápido do que imaginava que aconteceria e logo esqueci que estava usando o véu. Lembrei apenas ao sair na rua e perceber as pessoas me encarando. Não tínhamos caminhado nem 500 metros pelo passeio da Pedra Branca, na Palhoça, quando uma camionete passou em baixa velocidade ao nosso lado, os dois passageiros olhando de cara feia para nós duas.

Já no *shopping*, entramos em uma loja de camisas com o pretexto de que procurar uma roupa masculina para dar de presente. Sem falar uma palavra de árabe, eu enrolava a língua e também soltava um inglês propositalmente ruim e Heba ajudava a traduzir, conversando em árabe comigo sem que eu entendesse coisa alguma. Os atendentes se esforçaram para procurar alguém que falasse inglês e que pudesse nos ajudar a escolher uma roupa. Foram extremamente atenciosos e

simpáticos e quase comprei uma camisa, me sentindo culpada pelo trabalho que lhes tinha dado.

Ao sair da loja, Heba riu do meu “árabe”, dizendo que eu não tinha falado sequer uma palavra certa. Eu ri, concordando, mas no fim, percebemos que eu tinha convencido os vendedores que, assim como eu, não tinham ideia alguma da pronúncia do idioma estrangeiro.

Enquanto estávamos sentadas em um banco, uma criança acompanhada da mãe nos encarava, com aquele jeito sincero e sem filtro que é característico da infância. Eu sorri e acenei, como faço normalmente. Os olhos do menino se arregalaram e ele se escondeu atrás das pernas da mãe.

Pedimos hambúrgueres e fritas em uma loja de fast-food e escolhemos uma mesa da praça de alimentação do *shopping* pra sentar. Algumas pessoas das mesas ao lado olhavam disfarçadamente em nossa direção.

88

E foi assim ao longo de toda a tarde; algumas pessoas olharam com curiosidade, algumas riram. Teve quem cumprimentasse com “Salamaleico” (*Salaam Aleikum*, Que a paz esteja sobre vós) e também teve quem olhasse, sem disfarçar, de cara feia.

Vestir o véu não foi ideia minha e sim de Heba, uma das entrevistadas, porém tornou-se, talvez, uma das experiências mais significativas de toda a minha graduação. Já tínhamos nos encontrado duas vezes quando ela me mandou um áudio pelo WhatsApp dizendo que tinha “uma ideia um pouco louca”, mas que achava que poderia ajudar a visualizar o que ela sempre contava sobre o *hijab*. Uma ideia semelhante já tinha me passado pela cabeça, mas por várias razões achei melhor ignorar. Quando ela propôs, aceitei na hora e, empolgadas, marcamos de nos encontrarmos na casa dela, onde ela me explicaria como colocar o véu.

Por cerca de seis horas estive em uma posição na qual eu via a todos como iguais, mas era enxergada de forma

diferente. Por seis horas estive um pouco mais perto de entender uma fração do que significa usar o *hijab* no Brasil: o peso do preconceito, do estranhamento, expresso nos olhares e gestos, palavras e silêncios. Também vivenciei a hospitalidade de maneiras singelas, como no balconista que, mesmo sem saber falar inglês, foi educado, simpático e preocupou-se em nos atender igual - ou até melhor - do que a outros clientes.

Essa e outras experiências sempre me foram permitidas pelo jornalismo como uma forma de compreender, aproximar-se, sentir, **colocar-se no lugar e na pele do outro**. Após cada momento, cada entrevista, cada café compartilhado com essas mulheres, eu voltava para casa admirada e sempre querendo saber mais. Pouco a pouco as conversas revelaram gostos em comum, sonhos semelhantes e encurtaram a distância que existia.

Ao longo deste trabalho tive receio de que minhas perguntas fossem mal interpretadas, assim como a minha forma de escrever, a escolha de palavras que fiz. Tive que me permitir ser entrevistada também, ser conhecida, quebrar a dita “objetividade jornalística” e precisei aprender a não ter medo de perguntar. Porque é perguntando que nós conhecemos o outro e é conhecendo o outro que podemos nos colocar no lugar dele. E foi assim que pude conhecer mulheres e histórias que me marcaram pela sua sinceridade, resiliência e força e que me ensinaram coisas que nunca serão apagadas.

Ao longo das entrevistas e da produção do texto tive como direção principal respeitar as histórias dessas mulheres, deixando de lado informações que pudessem prejudicá-las e elaborar, de maneira mais fiel possível, seus perfis. Em determinado momento percebi, então, que não caberia utilizar no título do livro o termo “refugiadas” pois elas não se identificam com ele. Para muitas, ser um refugiado implica em algo mais do que apenas registrar-se oficialmente como tal; refugiado seria - para elas - aquele que recebe ajuda, apoio

do governo. Por mais que seja uma condição legal, cada refugiado no Brasil está por conta própria, mantendo-se com recursos e esforços próprios. Por isso, muitos deles acabam sendo amparados por organizações não governamentais que ensinam português, divulgam vagas de trabalho, ajudam na validação dos documentos, disponibilizam reforço escolar às crianças, promovem a integração e oferecem compaixão e hospitalidade.

Entre tantos aspectos a serem abordados, “Recomeços: mulheres sírias na Grande Florianópolis” nunca teve a pretensão de discutir política e entender os conflitos complexos que deram origem e que mantém a guerra civil na Síria. Embora o assunto tenha surgido nas entrevistas, sempre foi abordado com bastante cautela pois falar sobre política gerava insegurança e receios. As entrevistadas tinham receio de que qualquer informação ou opinião que manifestassem pudesse prejudicar parentes ou amigos que ainda estão na Síria. E isto foi tomado como uma importante baliza para nortear a redação. Era preciso contar a história delas respeitando seu desejo de não expor sua posição política. E sendo os motivos políticos os que provocaram a guerra e, em última instância, sua migração, suas histórias estavam permeadas por isso. Não ressaltá-los era o objetivo e foi um grande desafio. Espero ter conseguido.

Por fim, vale dizer que essas histórias me mostraram que as situações pelas quais passamos podem até nos moldar, mas não nos definem. Cada uma dessas mulheres não se deixou ser definida pela guerra ou pelo refúgio; elas são mais.

Primeiramente agradeço às mulheres que me emprestaram suas histórias para que este trabalho fosse realizado. Espero que ele tenha transmitido, com fidelidade e respeito, suas batalhas, conquistas e orgulhos.

Também gostaria de agradecer à minha família, em especial aos meus pais, Cíntia e Pablo, que me incentivaram, desde o Ensino Fundamental, a seguir um caminho que me trouxesse felicidade e vibraram comigo a cada resultado positivo. Ao longo da graduação, não me forneceram apenas suporte financeiro, mas também emocional para cada desafio enfrentado. Um agradecimento também à minha irmã, Joana, e ao meu cunhado, Tadeu, que tanto ouviram falar sobre este livro e nunca reclamaram.

Agradeço também aos professores que durante a graduação compartilharam seus conhecimentos e me instruíram a como ser uma profissional ética e responsável. Em especial, meu orientador, Samuca, que sempre disse “vai dar tudo certo” e me passou tranquilidade em um dos momentos mais importantes da graduação.

Agradeço também à UFSC, que me permitiu estudar e conhecer o mundo das mais diversas formas, desde o ensino infantil.

Um agradecimento à Bruna Kadletz, que emprestou um pouco da sua experiência para esclarecer minhas dúvidas, ao jornalista Yan Boechat que me ajudou a compreender melhor a conjuntura política síria e à Vanessa Salum que, com muita disposição, ajudou a encontrar mulheres que aceitassem participar deste livro.

Agradeço também aos amigos da Imprensa Apufsc, Professor Eduardo Meditsch, Naiana, Lara, Victor, Mano e Vini, que foram extremamente compreensivos quando eu pedi férias para escrever o TCC. A compreensão e apoio de vocês foi fundamental!

Aos amigos do MPSC, Ale, Lu, Maria Fernanda, Monique, Oscar e Silvia, obrigada por me acompanharem nos primeiros passos deste livro.

Agradeço imensamente aos amigos Chico Duarte e Felipe Sales, pelas incontáveis parcerias no curso e em projetos paralelos. Vocês estiveram ao meu lado desde a primeira fase desses quatro anos e meio de Jornalismo. Obrigada!

Por último, mas não menos importante, agradeço ao meu noivo, Otávio. Ele não só teve paciência e segurou todas as pontas quando eu precisei me dedicar ao TCC, como também foi responsável pelo projeto gráfico deste livro. Obrigada pelo companheirismo, por ouvir histórias detalhadas como resposta ao clássico “como foi o seu dia?” e por sempre me fazer sorrir. Nem todas as palavras do mundo poderiam agradecer-lo de forma adequada.

Projeto gráfico
Otto Francisco